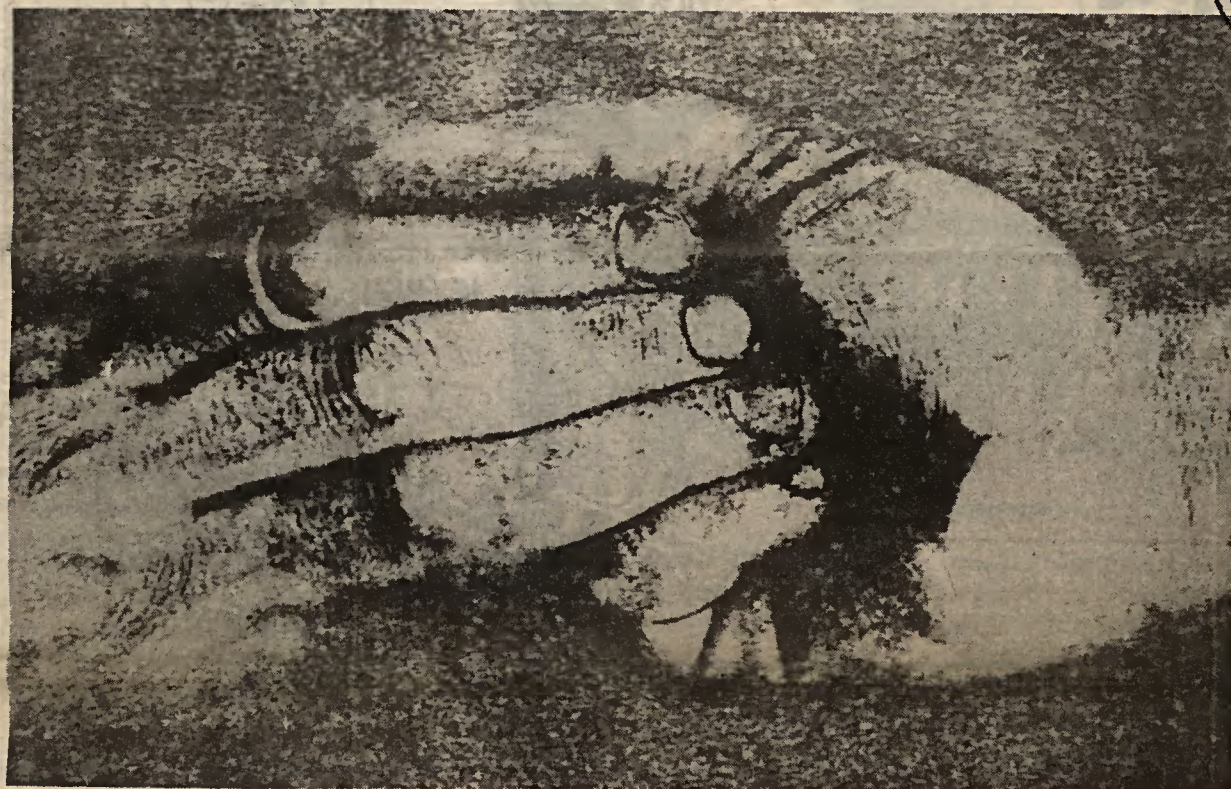


BIENAL



Vinte e quatro artistas de sete países expõem 150 trabalhos no I Studio Internacional de Eletrografia, sala especial organizada pela UNESP na 20ª Bienal de São Paulo. Pág. 16



Entrevista

DALMO DE ABREU DALLARI

Elaborado durante o 1º Fórum de Qualificação Profissional de Nível Superior, há em trâmite, no Congresso Nacional, um anteprojeto que propõe a obrigatoriedade de exames de avaliação para que recém-formados possam exercer a profissão. Dando início a uma série de entrevistas abordando a questão, o jurista Dalmo de Abreu Dallari expõe seus pontos de vista e conta sua experiência frente à Ordem dos Advogados, única no país a exigir exames para o exercício profissional. Págs. 8 e 9.



Para lembrar Rosa Luxemburg

A vida e a obra da pensadora marxista, assassinada há 70 anos, serão resgatadas em um seminário na FFC de Marília. Pág. 7

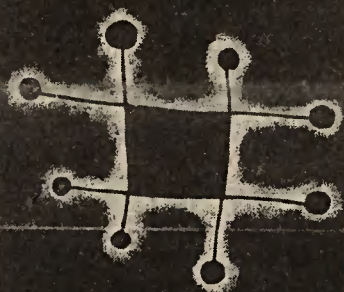


Uma história de vampiros

Apaixonado pelos morcegos, que estuda há 22 anos, o professor Valdir Taddei sai em defesa desses mamíferos alados. Pág. 5

TRANSIÇÃO & PERMANÊNCIA

MIRÓ/JOÃO CABRAL: DA TELA AO TEXTO



AGUINALDO GONÇALVES

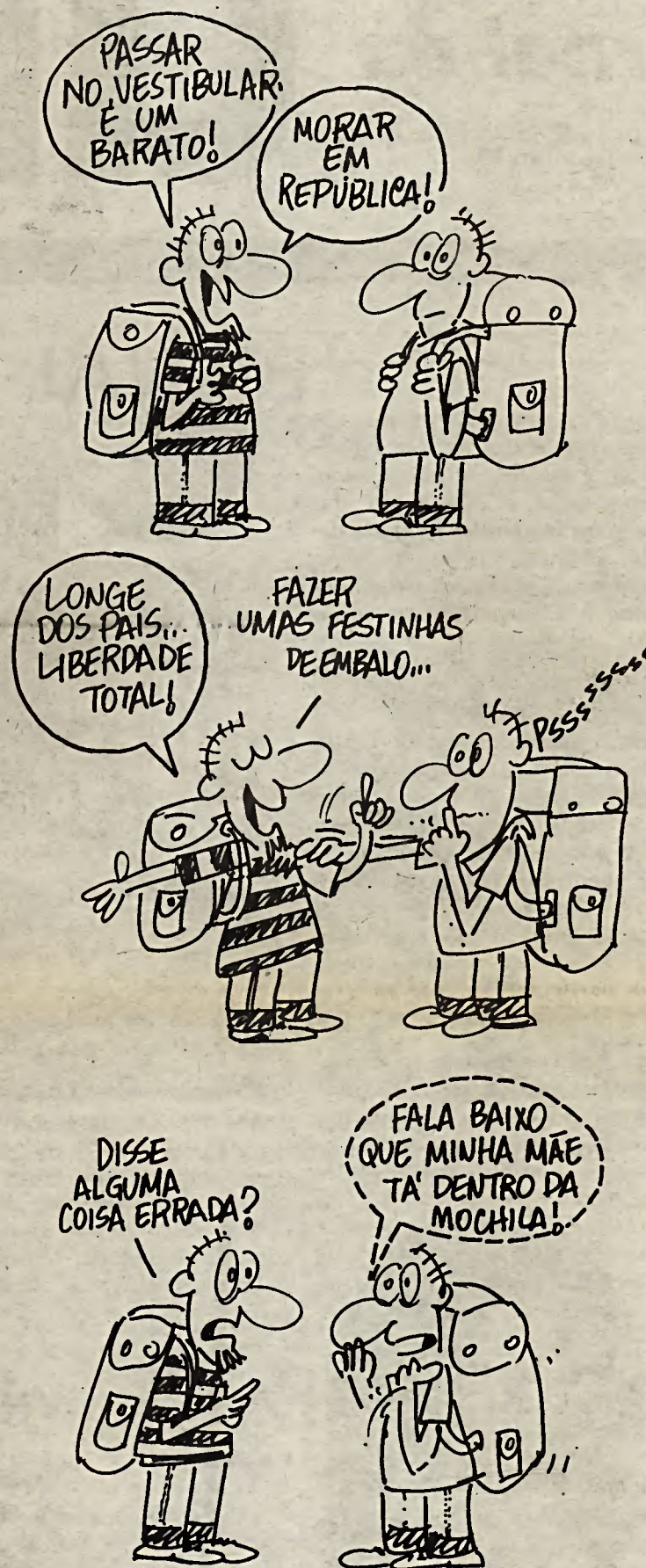
Cabral e Miró, irmãos de criação

No livro "Transição e Permanência", Aguinaldo Gonçalves aproxima o poeta João Cabral do pintor Miró. Pág. 6

Uma devassa na história da América Latina

O Centro de Estudos Latino-Americanos (CELA), da UNESP, acaba de comprar, do Arquivo Nacional dos Estados Unidos, um acervo de documentos até então secretos referentes à América Latina. Pág. 11

Pelicano



unesp

Universidade Estadual Paulista

Reitoria: Praça da Sé, 108 — CEP 01001 São Paulo, SP.
Campus Universitários: Aracetuba, Araraquara, Assis, Bauru, Botucatu, Franca, Guaratingueta, Ilha Solteira, Jaboticabal, Marília, Presidente Prudente, Rio Claro, São José dos Campos, São José do Rio Preto e São Paulo.

Autarquia Vinculada: Centro Estadual de Educação Tecnológica "Paula Souza" (Faculdade de Tecnologia — FATEC — da Americana, Baixada Santista, São Paulo e Sorocaba).

Outras Unidades: Instituto de Física Teórica (São Paulo) e Instituto de Pesquisas Meteorológicas (Bauru).

CONSELHO UNIVERSITÁRIO

Reitor: Paulo Milton Barbosa Landim

Vice-reitor e pró-reitor de Administração e Desenvolvimento: Arthur Roquata da Macedo

Pró-reitor de Graduação: Antônio Cesar Parri de Carvalho

Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Antônio Manoel dos Santos Silva

Pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários: Carlos Ruggiero

Diretores das Unidades Universitárias: Acyr Lima da Castro, Antenor Araújo, Antônio Espada Filho, Antônio Carlos Massabni, Antônio Quelce Salgado, Bruno Mancini, Carminda da Cruz Landim, Cecilio Linder, César Piedade Júnior, Dinah Borges de Almeida, Flávio Abranches Pinheiro, Irineu Bicudo, Irineu de Moura, Jeyme Wanderley Gasparoto, Joji Ariki, José Enio Casalecchi, José Ribeiro Júnior, Márcio Rubens Graf Kuchembuck, Marcos Alegria, Nelson de Araújo, Nelson Múrcia, Sérgio Nereu Pagano, Tatsuko Sakima e Telmo Correia Arrais.

Representante das Unidades Complementares: Newton Castagnoli.

Representantes Docentes: Antônio Carlos Silveira, Antônio Calso Wagner Zanin, Arleta Nóbrega Z.M. da Campos, Carlos Alberto Panatti, Cristo Bladimiro Melios, Eurípedes Alves da Silva, João Alberto da Oliveira, José Aluísio Reis de Andrada, Kleber Pinto Silva, Luiz Carlos Donadio, Luiz Roberto Trovati, Maria Amélia Máximo da Araújo, Mário Balistieri Sobrinho, Myrian Xavier Fragoso, Nariaqui Cavaguti, Odeir Correa Buano, Odaíler Santo Guidugli, Olga Ceciliato Mattioli, Paulo Eduardo da Toledo Salgado, Reinaldo Ayer de Oliveira, Sebastião Hatam, Sheila Zambello da Pinho, Teresa Maria Malatian e Walingtom Dinelli.

Representantes Técnico-administrativos: Adauto José da Silva, Antônio Sérgio Britto, Daltro Brandão, Edmilson de Nole Sá, Gessé Gerardi, João Cardoso da Silva, José Eduardo S. Candaia, José Munhoz Fernandes, Luiz Gonçalves Rodrigues, Maria José Manoel e Maria José R. Martins.

FIESP: Horácio Lafer Piva

Jornal da UNESP

Editor responsável: José Roberto Ferreira (MT 17.039)

Editor: Paulo Velloso

Redação: Adriana Machado, Denise Pellegrini Moraes e Katia Seisi.

Editor de Arte: Celso Pupo

Produção: José Luiz Redini

Tiragem: 19.000 exemplares

Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado pela Assessoria da Comunicação e Imprensa. A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.

Endereço: Rua do Carmo, 44, 5º andar (CEP 01019) São Paulo, SP, Telefones: 32-7755 a 32-7757.

Composição, Fotolito e Impressão: Cia. Editora Jo-ruês.

Ensino, autonomia e credibilidade

Em nosso país, registrou-se uma considerável expansão do ensino superior nas décadas de 60 a 80. Este crescimento acelerado, entre outros fatores, deveu-se à industrialização e desenvolvimento do país, com a natural diversificação do mercado de trabalho. Neste contexto, alguns cursos foram mais envolvidos. Os cursos jurídicos e de economia, proliferados por todo país, ofereceram mão-de-obra mais eclética. As licenciaturas curtas, nas antigas Faculdades de Filosofia, surgiram como desdobramento e adequação dos cursos para se atender à rápida demanda. Os cursos tecnológicos foram sujeitos, em muitos casos, aos modismo e às expectativas consumistas.

Por outro lado, a expansão e a diversificação aceleradas dos cursos criaram problemas, em vista das dificuldades para o recrutamento de corpo docente qualificado ou para sua preparação adequada. Ou seja, a rápida proliferação os agravamentos do quadro, às custas do desvirtuamento das empresas de ensino, da criação indiscriminada de algumas precárias Faculdades e Universidades particulares e das aberrações delas decorrentes.

Neste final de década sentem-se os clamores gerais da sociedade quanto ao despreparo profissional, a preocupação dos órgãos que tratam dos assuntos de educação, as dissonâncias entre os cursos e o meio relatadas pelos egressos e as pressões dos órgãos classistas com relação à quantidade e qualidade dos cursos. Há exigências para ava-

liação das Universidades. São reclamações tão gerais que se transformaram em preceito constitucional.

Sem dúvida, agora o momento é de reflexão, de avaliação e de adequação às realidades sociais.

Em países desenvolvidos, o acompanhamento e a avaliação dos cursos são continuados. A título de ilustração, cabe a informação da redução de vagas em cursos de Odontologia americanos e do número destes cursos na Holanda. O Conselho de Reitores da Europa, ao analisar a expansão dos cursos superiores na-

quele Continente, caracteriza os anos 60 como os da massificação e os anos 80, como os das restrições de gastos públicos aliadas à competência. Em síntese, as décadas de 60 a 80 teriam como símbolos, respectivamente, a igualdade e a eficácia.

Além das preocupações com as condições e a melhoria de ensino, experimenta-se a autonomia financeira nas Universidades Estaduais de São Paulo.

Numa proposta de planejamento, não se pode perder de vista a gestão

pedagógica, as condições de acesso à Universidade, a programação de recursos e, ainda que resguardada a autonomia da Universidade para formar e qualificar, as situações profissionais no contexto da sociedade.

A competência é pré-requisito para a credibilidade do ensino e para a autonomia universitária!

É indispensável a reflexão sobre as relações entre Universidade e comunidade. A demanda concreta e imediata da população em relação à Universidade é uma demanda por ensino, porém ensino de boa qualidade, de alto nível.

As Universidades Estaduais de São Paulo têm autonomia para criar seus cursos, mas têm que garantir uma prática profissional qualificada. O ensino de alto nível oferece estas condições e este é um grande compromisso da Universidade para com a sociedade.

A expansão, num regime de universalização do ensino, passaria a requerer a exigência de capacitação e qualificação para o exercício profissional. O ideal é o controle da entrada, limitando-se cursos e vagas, para a formação com qualidade. O ensino superior precisa garantir sua autonomia através de sua credibilidade.

O objetivo do ensino superior público não é apenas a profissionalização. Assim, não pode prescindir de critérios qualitativos e do desenvolvimento da ciência e da cultura.

Por que estamos na Bienal

Neste mês de outubro, nossa universidade inaugura uma nova fase de seu programa de estreitamento de laços com a sociedade brasileira. Estaremos presentes na XX Bienal de Artes Plásticas de São Paulo — evento de importância mundial no setor — com o I Studio Internacional de Eletrografia, idealizado pelo professor Luiz Guimarães Monforte, do campus de Bauru (ver matéria na última página).

Essa sala especial é resultado, em parte, da aplicação da Galvanoplastia para produção de arte na Universidade Estadual Paulista. Falamos de Arte? Sim. Abordamos uma técnica de expressão artística, talvez não convencional, mas tão criativa e bela quanto qualquer outra. Falamos de UNESP? Sim. Sentimos,

em nossos professores da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação do campus de Bauru, que participam do projeto Eletrografia da Bienal, a mesma luta, o mesmo ideal e idêntico compromisso com a cultura, a ciência e a sociedade como em qualquer outro docente das nossas 25 unidades. Apoiamos o salão de eletrografia? Sim. Como apoiamos o Centro de Atendimento Odontológico a Excepcionais de Araçatuba, o Centro de Diagnósticos por Imagem da Medicina de Botucatu, o curso de Ecologia de Rio Claro, o atendimento odontológico à população carente em nossas unidades de Araraquara e São José dos Campos, as pesquisas sobre melhoramento genético, aquíicultura e reflorestamento nas nossas Faculda-

des de Veterinária e Agronomia em Botucatu e Jaboticabal, o premiado Grupo de Percussão do Instituto de Artes, o Instituto de Pesquisas Meteorológicas e a implantação do Centro de Memória pela FAAC de Bauru.

No Studio de Eletrografia, reunimos os esforços num trabalho que, com certeza, efetiva a harmonia que há entre a Universidade e a iniciativa privada, neste caso, por meio da Arte. Esta certeza é fruto do voto de confiança que as empresas deram ao co-patrocinar este evento.

Aproveitamos a ocasião para agradecer também aos artistas de Universidades, de outros países que trazem, até nós, seus mais representativos trabalhos, contribuindo pa-

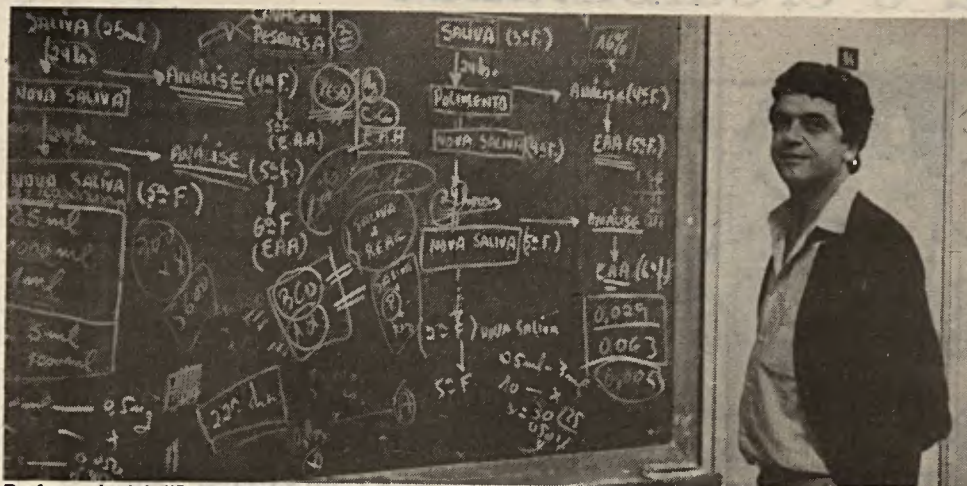
ra a divulgação da arte e da eletrografia.

Parabenizamos nossos docentes por não terem esquecido aqueles que representam o futuro. De fato, o atelier infantil programado demonstrará a competência e a preocupação dos nossos professores e artistas, não apenas na transmissão do saber, mas também na aquisição de contatos enriquecedores para os seus quadros referenciais que impõem atualização constante.

“Este não é um tempo para congratulação”, diz o trabalho de um de nossos artistas convidados; certa afirmação: é tempo de trabalho; tempo de UNESP; de uma nova Universidade, onde o esforço seja dignificado e canalizado para benefícios reais para toda a Sociedade.



Mariza Dias Costa



Professor Larini: "Devolveremos à sociedade o ônus da nossa manutenção"

Em Araraquara, ciência se une à polícia no combate ao crime

O trabalho conjunto da FCF e delegacias da cidade

Como nas melhores novelas de Conan Doyle, o criador do genial detetive Sherlock Holmes, investigação científica e policial há 25 anos caminham de mãos dadas na região de Araraquara. A associação entre os distritos policiais e os sofisticados laboratórios universitários tem sido possível graças a um convênio firmado entre a Polícia e a Faculdade de Ciências Farmacêuticas da UNESP, através do seu Departamento de Princípios Ativos Naturais e Toxicologia.

As análises toxicológicas são requisitadas por autoridades policiais ou judiciais, e podem ser de três tipos: dosagem alcoólica no sangue, feita principalmente em casos de acidentes de trânsito onde haja suspeita de embriaguez, identificação de narcóticos e psicotrópicos e identificação de drogas em casos de envenenamentos letais. "Sempre que se faz apreensão de alguma droga ou medicamento, esse material é mandado para cá e submetido a análises em nossos laboratórios", explica o professor Lourival Larini, chefe do departamento, que conta ainda com as colaborações dos professores Paulo Eduardo Toledo Salgado, Georgino Honorato de Oliveira e José Salvador Lepera. "Após os exames, é elaborado um laudo pericial, de caráter oficial, que é anexado ao processo e deve informar as características do material", ele completa.

A "FERA" DE COLINA

Confessando-se um apaixonado pela profissão, sobretudo pelas surpresas que ela lhe reserva na sua prática diária, Larini não esconde uma ponta de empolgação quando narra um dos casos policiais que ajudou a elucidar. Em 1977 morreram, em Colina, pequena cidade da região, cinco crianças com menos de sete anos. A causa da morte, diagnosticada pelos médicos, foi meningite meningocócica. Depois de três meses, o delegado da cidade recebeu algumas informações que o fizeram suspeitar de que o caso ocultava um mistério. Procurou então o professor Larini e os corpos dos cinco meninos foram exumados.

Ao proceder aos exames, o professor constatou que as crianças, na verdade, haviam sido envenenadas. Para descobrir o tipo do veneno utilizado, procedeu como um detetive, recorrendo às outras crianças da região. Não foi preciso muito para que descobrisse que uma se-

nhora costumava oferecer aos meninos copos de Coca-Cola com "açúcar" — na verdade, arsênico. Nesse momento, a polícia entrou no caso e Larini soube de seu desfecho pelos jornais: o crime fora cometido por uma mulher com problemas mentais, que alegou ter recebido uma "mensagem do além" ordenando-lhe matar sete crianças com menos de sete anos. "Acabei salvando duas vidas, já que a assassina não pôde cumprir inteiramente sua missão", ele avalia.

A senhora, que passou a ser conhecida como "a fera de Colina", foi condenada a 18 anos de prisão, e os médicos que haviam expedido o laudo de meningite tiveram suas licenças temporariamente suspensas.

DROGAS

Mas os casos que exigem com maior frequência a participação conjunta de policiais e cientistas da UNESP são mesmo os que envolvem drogas. "Acidentes com overdoses, aqui em Araraquara, são mais comuns do que muita gente imagina", garante Larini.

Além desses casos, muitas vezes fatais, Larini e sua equipe são chamados igualmente para intervir em episódios com drogas impuras, misturadas a outras substâncias. "Na sua ânsia por lucro, os traficantes adicionam palha e estercó a maconha ou, o pior, pó de mármore à cocaína. Nesses casos, as vítimas, quando não morrem, ficam muitas vezes incapacitadas, com vida vegetativa ou com membros amputados."

Para o delegado-titular do 2º Distrito Policial de Araraquara, Lineu Cardoso Bruno, os laudos emitidos pelos pesquisadores da FCF são peças realmente fundamentais para se ilustrar um inquérito. "Trata-se de uma prova material do fato", sustenta. Lineu afirma ainda que, sem o trabalho dos peritos da UNESP, muitos casos certamente permaneceriam sem solução. "Por ter caráter oficial, o laudo toxicológico é muito importante no desenrolar de um processo: ele pode não só ajudar como também alterar substancialmente os seus resultados."

Para o professor Lourival Larini, o trabalho conjunto entre a Polícia e a Universidade tem dupla importância: "Além de reciclarmos constantemente nossos conhecimentos, temos a oportunidade de devolver à sociedade o ônus da nossa manutenção", finaliza.

Efraim Silva, repórter do campus

Plantas que curam, plantas que matam

Os vegetais tóxicos e medicinais do horto da FCF

Que ninguém espere encontrar, entre as alamedas desse jardim, rosas, crisântemos, orquídeas ou azaléias. Idealizado por docentes do Departamento de Princípios Ativos e Toxicologia da Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF) do campus de Araraquara, neste horto serão cultivadas apenas espécies de vegetais tóxicos ou medicinais.

Ocupando uma área de 6 mil m², o horto tem como objetivo principal melhorar a qualidade da pesquisa científica, familiarizando alunos e professores com as plantas. "Geralmente, elas são conhecidas apenas através de desenhos ou fotografias, o que dificulta sua identificação na natureza", explica a professora Célia Cebrian Araújo. "Além disso, claro, poderemos empreender um ritmo mais rápido às pesquisas, já que as espécimes estarão ao nosso alcance." Além de Célia, participam dos trabalhos de criação do horto os professores Arildo Bueno Rocha, Maria do Carmo Neves, José Salvador Lepera e José Jorge Neto, coordenador do projeto.

MORTE RÁPIDA

Além de permitir a identificação exata e imediata dos vegetais, através de um arquivo de plantas desidratadas, o horto da FCF irá adaptar às condições climáticas do Brasil plantas como o "lycopo-

dium", encontrada apenas na Sibéria e bastante utilizada em doenças hepáticas, e a "thyia", trazida da França, que age sobre um grande número de males. "Mas cultivaremos também plantas medicinais tropicais, como a goiabeira, cujas folhas são excelentes antidiarréicos, a arnica, usada como anti-inflamatório, e o funcho, para cólicas intestinais", informa Célia.

Toda a atenção dispensada às plantas que curam será igualmente dedicada às que matam. "A identificação de vegetais tóxicos é importantíssima, já que muitos deles são facilmente encontrados em jardins públicos, ao alcance de crianças", garante o professor José Jorge Neto. "O bico-de-papagaio, por exemplo, secreta um látex extremamente danoso aos rins, e cinco gramas de espirradeira podem matar rapidamente um homem de 80 quilos, por parada cardíaca."

Diretor durante sete anos do Projeto de Integração Sanitária no campus avançado de Irecê, na Bahia, dentro do Projeto Rondon, Jorge Neto dedicou-se a fundo às pesquisas com medicina alternativa, buscando substitutos de origem vegetal para medicamentos sintéticos. "Além de caros, os remédios geralmente provocam vários efeitos colaterais", ele avalia. "E, se curam um mal, acabam provocando outros dois ou três."

Além do projeto do horto de plantas tóxicas e medicinais da Faculdade de Ciências Farmacêuticas, o professor José Jorge Neto participa também de um programa semelhante junto à Prefeitura de Jaú, que envolve a Secretaria da Saúde, Secretaria da Agricultura e o Serviço Unificado e Descentralizado de Saúde (SUDS). Avaliado pela Associação Brasileira de Plantas Medicinais, entidade mantida pelas Fundações Ford e Rockefeller, o projeto recebeu distinção especial. "De nove projetos avaliados, apenas o nosso foi aprovado", exulta Jorge Neto. "E isso, acredito, deveu-se ao caráter pioneiro do trabalho."



Jorge Neto e Célia: plantas contra cólicas e inflamações

Maria Celina de Oliveira, repórter do campus

ZOOLOGIA

O morcego, esse incompreendido

Só a ignorância e o preconceito podem explicar a má fama desse mamífero alado

Em todo o reino animal talvez não exista outra espécie tão mal-afamada como o morcego. Pura injustiça. Vítima de preconceitos e perseguições de toda ordem, que o cinema e a literatura de ficção, via Conde Drácula, só fizeram alimentar, o morcego, na verdade, encarna muito mais o papel de herói que o de vilão. Afinal, das cerca de 900 espécies conhecidas, apenas três — os chamados vampiros — sugam o sangue de suas vítimas e podem prejudicar o homem. O restante pode ser decrito como um verdadeiro batalhão de operários, trabalhando incansavelmente para o equilíbrio ecológico e para a disseminação de espécies vegetais.

Conhecedor como poucos dos benefícios trazidos ao meio-ambiente por esses mamíferos alados, que aplicadamente estuda há 22 anos, o professor Valdir Antônio Taddei, do Departamento de Zoologia do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBIL-CE) do campus de São José do Rio Preto, não economiza argumentos quando se trata de defender esses animais.

Biólogo formado em São José do Rio Preto, Valdir já se interessava pelos morcegos desde seus tempos de aluno: "Eu acompanhava o pessoal do Departamento de Zoologia em coletas, quando cursava o último ano", lembra. Orientado pelo professor Luiz Dino Vizzoto, no início de suas pesquisas, Valdir recebeu grande estímulo também do pesquisador americano Bryan Macnab, que em 1967 desenvolveu um trabalho sobre morcegos no Departamento. Para Valdir, a convivência com esses animais foi o bastante para começar a admirá-los. "Eu os considero muito interessantes, alguns até atraentes", confessa, lamentando o tratamento que recebem: "Os morcegos são muito perseguidos, não pelo perigo que alguns realmente representam, mas sobretudo pela ignorância, pelo desconhecimento das pessoas".

QUEM SÃO ELES?

Das 900 espécies conhecidas de morcegos, 140 já foram registradas no Brasil. Alguns, como o *Pteropus giganteus*, da Índia, e o *Acerodon jubatus*, das Filipinas, podem atingir até 1,7 metros de envergadura (de uma ponta a outra da asa). Há também espécies minúsculas, como o *Craseonycteris thonglongyai*, freqüentador das cavernas da Tailândia, que parece ser o menor mamífero conhecido, pesando de 1,7 a 2 gramas e com cerca de 3 centímetros de cabeça e corpo. "No Brasil, temos desde pequenos nectarívoros e insetívoros, que pesam entre 4 e 9 gramas, até um morcego carnívoro, que pode ultrapassar 1 metro de envergadura", lembra Valdir.

Quanto à reprodução, as espécies têm diferentes características. Algumas parem até quatro filhotes por gestação, mas a maioria gera apenas um. É o caso do morcego vampiro comum, ou *Desmodus rotundus*, que tem um dos maiores tempos de gestação: seis meses e 25 dias. "Os filhotes nascem com uma porcentagem alta de peso em relação à mãe. Comparada à situação de uma mulher, seria o mesmo que ela desse à luz uma criança pesando quinze quilos", avalia o professor.

UMA GRANDE COLEÇÃO

Entre os mais de 10.000 espécimes que possui em sua relação, o professor Valdir faz questão de destacar os seus oitenta exemplares do *Chiroderma doriae*, um morcego que se alimenta de figos silvestres. Até 1968, só haviam sido encontrados outros dois espécimes, nos Estados Unidos. Sua coleção está toda concentrada no Laboratório de Quiropterologia, em uma área minúscula, de apenas 18 m². No espaço restante — dois laboratórios de 12 m² — trabalham, além do professor, seu único auxiliar, o técnico Claudinei Antônio Nóbile, estagiários e eventuais pesquisadores visitantes. "Uma coleção como essa exige intenso esforço de coleta, preparação, identificação e catalogação dos espécimes, visando sempre um aproveitamento racional dos recursos para que a coleta não seja

predatória", explica o professor. De acordo com ele, uma coleção científica é a base para a pesquisa em sistemática — classificação dos seres vivos — ou mesmo para disciplinas como a ecologia, a parasitologia, anatomia, embriologia, genética e a biologia evolutiva, entre outras.

Prova disso são os trabalhos desenvolvidos conjuntamente entre o Laboratório de Quiropterologia e laboratórios do Departamento de Biologia. O Laboratório de Histologia, por exemplo, vem estudando as características dos intestinos dos morcegos com diferentes hábitos alimentares. E o Laboratório de Citogenética, por sua vez, pesquisa os cromossomos de diferentes espécies de morcegos a fim de melhor compreender sua evolução. "Nós fazemos as coletas, mas não temos segurança quanto às espécies de morcegos. Por isso, nos servimos do Laboratório de Quiropterologia e dos conhecimentos do professor Valdir", comenta a professora Adelina Buzini da Costa Silva, chefe do Departamento de Biologia.

A coleta de morcegos exige alguns cuidados e técnicas. No caso de uma coleta diurna, é necessário saber-se localizar os abrigos dos morcegos, dispor redes próximas às saídas ou, então, armar-se de puçá e partir para o corpo-a-corpo com o bichos. "Quando entramos em alguma gruta com a rede de mão, todos os morcegos nos acompanham com a cabeça. Se damos um passo para o lado, todos se viram para nos seguir", conta Valdir. As coletas noturnas são muito mais complexas, e dependem das fases da lua. "Em noite de lua cheia, os morcegos não voam muito, pois fogem da luz e de outros animais predadores, como corujas, cobras e gaviões", ele explica.

Segundo o professor, a maioria das espécies têm hábitos alimentares insetívoros, atuando como controladores naturais de insetos noturnos — como mariposas e cupins, por exemplo —, mantendo-se dentro de um

certo equilíbrio. "Isso é importante, inclusive, para a agricultura, pois os morcegos destroem insetos, permitindo que de diminua a quantidade de pesticidas utilizada na lavoura", enfatiza Valdir. Outras nutrem-se de néctar e pólen, realizando assim a polinização de diversas plantas, como pequi, ingá ou até alguns maracujás. Existem também os



Professor Valdir e a coleção: "Eu os acho até atraentes"

carnívoros, que se alimentam de pequenos mamíferos e aves, e até os psicívoros, que, com suas patas posteriores bastante desenvolvidas e munidas de verdadeiras garras, apanham pequenos peixes que nadam na superfície da água. Os frugívoros, por sua vez, disseminam as sementes dos frutos. "Os morcegos mastigam a polpa dos frutos, ingerindo somente a porção líquida, rejeitando as sementes. Por isso, são considerados um dos principais agentes de dispersão de sementes em regiões tropicais", ele sustenta.

ATENDIMENTO À COMUNIDADE

Apesar de seu trabalho intenso em regiões de floresta ainda pouco devastadas, o morce-

go frugívoro, em áreas próximas a plantações, pode causar problemas de ordem econômica. "Em certas regiões, esse tipo de morcego chega a ocasionar danos consideráveis à fruticultura, atacando nêspers, nectarinas e mangas, por exemplo", afirma o professor. Valdir menciona um caso ocorrido há alguns anos, em Atibaia, quando um agricultor teve seus pomares atacados por morcegos. A razão, segundo ele, foi o plantador ter eliminado algumas árvores de frutas silvestres, tentando evitar a aproximação dos morcegos frugívoros. "O efeito foi inverso e os animais atacaram seus pomares". Chamado até lá, o professor Valdir identificou os morcegos e executou um trabalho de redução da população.

Contudo, a espécie que mais tem dado trabalho ao professor é mesmo o morcego vampiro (veja quadro), por seus ataques a rebanhos bovinos e eqüinos ou mesmo a populações humanas, disseminando a raiva. "No Vale do Ribeira, por exemplo, desde 1981, centenas de pessoas já foram vitimadas por vampiros e, no noroeste do Estado, de 1985 para cá, foram registrados mais de sessenta casos semelhantes", diz Valdir. Por isso, a extensão de serviços prestada pelo Laboratório — Centro de Referência para Sistemática de Chiroptera —, desde 1985, é intensa e inclui a participação direta em atividades de campo, em áreas onde ocorrem surtos de raiva. O professor Valdir lembra um surto ocorrido em Novo Horizonte, em 1986, "um dos maiores da região noroeste do Estado", que teve a participação do Centro de Referência em seu controle. Na ocasião, morreram oitenta animais, entre bovinos e eqüinos.

Seu trabalho começou com uma reunião envolvendo 300 moradores da localidade, quando prestou alguns esclarecimentos básicos e solicitou a ajuda na localização das colônias de morcegos. "A raiva migra e tínhamos que evitar que ela se expandisse", explica. "Depois de iniciado nosso trabalho, morreram apenas quinze ou vinte animais e, em três meses, o surto estava sob controle".

O atendimento do Centro também é solicitado quando os vampiros atacam pessoas. O professor presta assistência às vítimas, identifica os morcegos e, se for o caso, procede o extermínio. Valdir costuma também colaborar na formação de equipes para controle de vampiros, em áreas mais atacadas. "Nessas palestras, damos ênfase à identificação correta dos morcegos, para que as espécies úteis sejam preservadas", conclui.

Denise Pellegrini Montes

O perfil do vampiro

O verdadeiro vampiro nunca foi à Transilvânia, não transforma suas vítimas em mortos-vivos e tampouco exige uma estaca de madeira cravada no peito para morrer. O conde Drácula de verdade se chama *Desmodus rotundus* e mora na América Latina. Voa muitíssimo bem, tem excelente visão, inclusive à noite, e ainda conta com um infalível sonar que o auxilia na localização e ataque às presas.

Com 35 a 40 centímetros de envergadura, cada vampiro suga em média 20 mililitros de sangue por noite. Suas vítimas preferidas são bois, cavalos e pequenos animais domésticos. O sangue humano também lhes agrada muito, mas eles só atacam pessoas que estejam imóveis, dormindo. Têm os dentes incisivos centrais e dois caninos muito desenvolvidos. Quando mergulham sobre suas vítimas, lanham sua pele e bebem o sangue por dois sulcos que têm sob a língua.

Como todos os seus parentes, os morcegos vampiros se escondem durante o dia,

abrigoando-se no oco ou nas folhagens de árvores, em grutas, porões, sótãos, cisternas — lugares escuros e protegidos. À noite, se não houver lua (morcego não gosta da luz da lua), saem para alimentar-se.

Identificar a presença de um morcego vampiro é fácil: sempre que houver, escorrendo pelas paredes, uma matéria semilíquida, com aparência de óleo queimado ou alcatrão, é sinal de que há vampiros por perto. O combate ao animal é igualmente simples: capturam-se alguns desses morcegos e sobre suas costas coloca-se uma pasta anticoagulante. Os animais são então devolvidos ao local onde estavam e, como têm o hábito de se lambe-rem uns aos outros, logo espalham a morte na colônia, por hemorragia interna. Cada morcego empastado mata vinte ou trinta outros.

O combate ao *Desmodus rotundus* é importante sobretudo devido ao fato de serem excelentes transmissores da raiva, doença que, uma vez manifesta, não tem cura e mata em poucas semanas.



Desmodus rotundus, transmissor da raiva

Reprodução

LITERATURA

Cabral e Miró, irmãos de criação

Em "Transição e Permanência", a aproximação entre as obras do poeta Cabral e do pintor Miró



Aginaldo Gonçalves, na concorrida noite de autógrafos na livraria Gil Vicente

À primeira vista, a aproximação entre as obras do poeta nordestino João Cabral de Melo Neto com a do pintor catalão Joan Miró pode surpreender e até soar gratuita. Mas, à medida que se conhece a trajetória percorrida por Aginaldo Gonçalves até a superposição dos trabalhos destes dois grandes mestres no livro "Transição e Permanência", a surpresa se desvanece e cede lugar ao reconhecimento.

Professor de Teoria Literária do Departamento de Teoria Lingüística e Literária do Instituto de Biociências e Ciências Exatas

(IBILCE) de São José do Rio Preto, Aginaldo Gonçalves entrou em contato com o trabalho de João Cabral, pela primeira vez, em 1971. Cursando então o 3º ano de graduação, no próprio IBILCE, Aginaldo ganhara um "Prêmio Esso de Literatura" com uma monografia sobre o livro "Quincas Borba", de Machado de Assis, que acabou por dispensá-lo de apresentar o trabalho de final de ano. "Mas, como o bom aluno que sempre fui, insisti na apresentação e me sugeriram, então, que falasse sobre João Cabral. Foi quando me deparei com o poema 'Sobre o

Sentar-/Estar-no-Mundo', numa antiga antologia da Editora Sabiá", recorda Aginaldo. "Durante 40 dias convivi com a estrutura complexa desse poema, tendo, a cada leitura, uma surpresa. Passado o encantamento inicial, fui investigar a procedência do poema e descobri que ele pertencia à obra 'A Educação pela Pedra', um coisa totalmente nova para mim."

Dai à abordagem das obras completas do autor de "Morte e Vida Severina" foi um pulo. E já no 4º ano de seu curso de graduação, cada dia mais fascinado por João Cabral e pelo que ele chama de "poder lúdico de sua linguagem poética", Aginaldo decidiu: o poeta seria objeto de sua dissertação de mestrado — afinal, defendida em 1980, na USP, com orientação do professor João Alexandre Barbosa.

MIRÓ. E O LIVRO

O pintor Joan Miró entrara na história um pouco antes disso, em 1977. Folheando um álbum do artista catalão em uma livraria, Aginaldo se deteve por alguns segundos na introdução crítica à obra. Foi o bastante para que seu olhar repousasse justamente sobre um trecho que daya conta da existência de um ensaio, "Miró", assinado por ninguém menos que João Cabral de Melo Neto. "Foi um momento de revelação", garante. "A partir daí, tudo aquilo que eu até então apenas intuía, todas as relações que eu já havia estabelecido meio inconscientemente, começaram a fazer sentido: afinal, como eu suspeitara, havia mesmo pontos de contato entre as obras desses dois criadores."

Aginaldo saiu da livraria com o volume sob os braços, o coração aos pulos, e pôs-se a redigir sua dissertação. Pouco tempo depois, seu trabalho era acolhido pela banca examinadora da USP com nota máxima.

Aginaldo Gonçalves já estava envolvido com sua tese de doutorado, retomando o tema das relações entre a pintura e a poesia, quando começou a ser sondado por algumas editoras interessadas na publicação de sua dissertação sob a forma de livro. O contrato foi finalmente firmado com a Iluminuras e o livro, com tiragem de 2 mil exemplares, apresentação de Antonio Candido e prefácio de João Alexandre Barbosa, acaba de ser lança-

do em grande estilo: dia 4 de outubro, na livraria Gil Vicente, em São Paulo; dia 5, na livraria Martins, também em São Paulo; e no dia 11, no saguão do IBILCE, em São José do Rio Preto.

Para o professor Aginaldo, autor também de um volume sobre Cruz e Souza, na coleção "Literatura Comentada", e da introdução do livro "Proust — Contra Saint-Beuve", sua obra consiste no estudo das relações intertextuais da poética de João Cabral, voltado para a obra "A Educação pela Pedra". "Depois de analisar a questão da auto-textualidade e da intertextualidade em poemas da mesma obra, o livro passa a estabelecer relações entre poemas de 'A Educação pela Pedra' com poemas de outras obras de João Cabral", ele explica. "Feito isso", continua, "atinge-se a intersemiotividade, isto é, a relação entre o processo de criação de João Cabral com o processo de criação do pintor Miró".

FALAM OS MESTRES

De acordo com João Alexandre Barbosa, presidente da EDUSP e diretor da Faculdade de Filosofia e Letras da USP, Aginaldo soube encontrar, tanto no poeta quanto no pintor, o que ele chama de "composições emparelhadas". "Com elas, o autor aponta para o trabalho entre transição e permanência que dá intensidade às obras dos dois. E que torna também intensa a leitura deste livro", anotou no prefácio.

Para Antonio Candido, o livro de Aginaldo é um dos estudos críticos mais interessantes que leu nos últimos anos. "Apreciei nele a imaginação criativa com que foi escolhido o assunto e a maestria técnica com que foi conduzida a redação", enfatizou na apresentação. E, mais adiante, anotou: "É preciso também mencionar a modernidade e o bom gosto da sensibilidade e dos juízos presentes na obra, além da excelente linguagem do trabalho, bonita, correta, expressiva, sempre evitando o tecnicismo e o exibicionismo. Resalto a felicidade das imagens e das expressões, que fazem para o trabalho crítico a mesma coisa que a lucidez poética de João Cabral faz para o poema."

Paulo Velloso

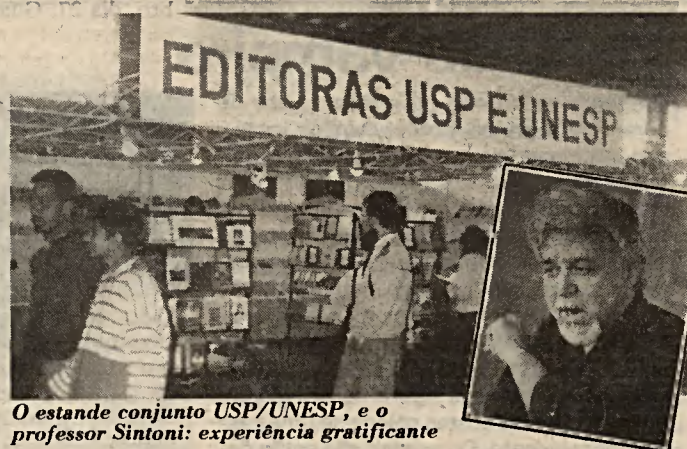
EVENTO

UNESP marca presença na Bienal do Livro

Divulgação e contatos com 600 mil pessoas

Entre os 150 estandes de venda, que expuseram mais de 50 mil títulos nacionais e outros 10 mil estrangeiros, a quarta versão da Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, realizada entre 25 de agosto e 3 de setembro, apresentou uma pequena mas significativa novidade: a presença da Editora UNESP, em um estande conjunto com a editora da USP, EDUSP.

De acordo com Evaldo Sintoni, professor da área de Política do Departamento de Antropologia, Política e Filosofia da Faculdade de Ciências e Letras e responsável pelo setor de distribuição e divulgação da Editora UNESP, a experiência foi extremamente gratificante. "Além de divulgar a editora, nossas publicações tornaram a Universidade conhecida para um número expressivo de visitantes, este ano estimado em 600 mil pessoas", ele conta. "E pudemos também estabelecer



O estande conjunto USP/UNESP, e o professor Sintoni: experiência gratificante

inúmeros contatos com distribuidores do Rio, Minas Gerais, Espírito Santo e de todo o Norte e Nordeste."

OS MAIS VENDIDOS

Entre os títulos expostos no estande da UNESP, o mais vendido, lembra Evaldo, foi "O Espírito da Revolução", de Saint-Just. "O nosso best-seller", brinca. A coleção *Seminário e Debate*, que reúne os livros "Pensando a Educação", "Pensamento em Crise" e "Modernização e Desenvolvimento

no Interior de S. Paulo" — todos enfeitando textos de vários autores —, também tiveram boa circulação. Além destes, a Editora UNESP expôs ainda "O Saber Militante", reunindo ensaios sobre Florestan Fernandes, "Psicologia e Literatura", de Dante Moreira Leite, "O Engenho. Complexo Econômico-Social Cubano do Açúcar", de Manuel Moreno Fraginals, "A Revolução Industrial do Século XVIII", de Paul Mantoux, e 17 revistas científicas.

Em relação à experiência de um estande conjunto com a EDUSP, Evaldo se mostra igualmente otimista: "Ela viabilizou economicamente nossa participação na bienal carioca e marcou o início de uma colaboração que pretendemos incentivar", garante. "Vamos incrementar nosso setor de co-edições e nossos livros passarão a ser vendidos também nas livrarias da USP, em cidades como São Paulo, Ribeirão Preto e Bauru, por exemplo."

Entre os próximos planos da Editora UNESP, Evaldo Sintoni destaca a ampliação de contatos com livrarias das cidades onde a Universidade tenha campus e o apoio à distribuição e divulgação de seus títulos. "Assim, tornaremos a UNESP conhecida pelo que ela tem de melhor, que é sua produção intelectual e científica", resume.

DOAÇÃO

Arte e filosofia japonesas para o IA

Entre as várias bibliotecas universitárias do país, a Fundação Japão do Brasil, através do "The Japan Foundation Library Support Program, 1989", selecionou a biblioteca do Instituto de Artes da UNESP para receber uma doação de 200.000 yens (cerca de NCz\$ 4.500,00) em obras versando sobre a arte, história, filosofia e literatura japonesas.

A comunicação foi feita em abril último pelo diretor da Fundação Japão, Masakatsu Umemiya, que considerou a biblioteca do IA merecedora da doação devido, sobretudo, "à atenção dispensada ali às artes orientais e, em particular, às manifestações culturais japonesas".

O acervo recebido pelo IA totaliza cerca de 60 volumes, com títulos como "A Pintura Japonesa", de Akiama Terokazo; "O Drama Balada do Japão Medieval", de J.T. Araki; "O Teatro Japonês", de D. Bowers; "A Cerimônia do Chá", de Kaisen Yguchi; e "A Música Tradicional do Japão", de Shigeo Kishibe.

SEMINÁRIO

Rosa Luxemburg: o assassinato faz 70 anos

A morte da pensadora marxista será lembrada com um simpósio em Marília

A obra de Rosa Luxemburg enquadra-se de forma exemplar entre aquelas raras que só fazem crescer e se tornarem atuais com o passar dos anos. Considerada unanimemente uma das mais originais e vigorosas pensadoras marxistas de todos os tempos, Luxemburg esteve sempre à frente de seu tempo, antecipando em pelo menos 50 anos a maioria das críticas que intelectuais, políticos e economistas fazem hoje aos regimes socialistas.

Em janeiro último, dia 11, fez 70 anos que esta mulher, verdadeiramente incomum e um tanto esquecida no Brasil, foi brutalmente assassinada. Para resgatar um pouco de sua vida e obra, professores da UNESP dos campus de Marília, Assis e Araraquara reuniram-se e organizaram um "Seminário Rosa Luxemburg", que será realizado entre os dias 10 e 12 de outubro, na Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília. "Falar-se de Rosa Luxemburg, hoje, é extremamente oportuno", considera Isabel Loureiro, que há oito anos leciona Filosofia Política na Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília. "Em seu trabalho, ela levantou questões que permanecem extremamente atuais e não hesitou em criticar, já no início do século, o centralismo e a burocracia dos partidos."

Isabel fala de cátedra. Afinal, dedica-se à obra de Rosa Luxemburg há pelo menos 10 anos e elegeu-a como tema de sua tese de doutorado, que prepara com orientação da filósofa Marilena Chauí. Para melhor aproximar-se do pensamento de Rosa, Isabel aprendeu alemão e fez duas viagens à Alemanha, onde se encontra a maioria dos textos e documentos deixados por ela. "Dos 10 volumes que compõem as obras completas de Rosa, apenas um tem tradução para o português", lembra a professora.

UMA VIDA

Judia de origem polonesa, Rosa Luxemburg viveu entre 1870 e 1919. Mal entrada nos 20 anos, iniciou sua militância na social democracia alemã, à qual dedicou toda sua vida. Revolução e democracia, como pólos inseparáveis no processo de instauração de uma nova sociedade, e ênfase na iniciativa autônoma das grandes massas populares, são temas centrais da sua reflexão. E foi imbuída



Isabel Loureiro, da FFC: "O pensamento de Rosa permanece atual"

desse espírito que participou da Revolução Russa de 1905. Em 1914, decepcionada com o apoio das massas à I Guerra Mundial, Rosa Luxemburg revê algumas de suas posições e retorna à Alemanha.

Lá, é imediatamente presa e permanece encarcerada por quatro anos. E é na prisão que recebe as primeiras notícias da Revolução bolchevique de 1917. Inicia então uma intensa correspondência com Lênin e Trotski. A



Lito Claret

medida que o levante se afasta de suas posições iniciais, com a adoção de métodos ortodoxos, porém, essas cartas vão se tornando cada vez mais críticas e amargas. Rosa Luxemburg deixa a prisão em 1918, logo adere à Revolução alemã e torna-se a editora-responsável do jornal "A Bandeira Vermelha", de orientação spartakista, onde publica alguns dos textos mais importantes de sua vida. Em janeiro de 1919, pouco antes de com-

pletar 50 anos, Rosa Luxemburg é assassinada em um episódio até hoje não totalmente esclarecido, por antigos companheiros de partido, com o aval da social-democracia então estabelecida no poder.

"Este crime hediondo interrompeu uma carreira brilhante. Além de uma grande mulher, Rosa Luxemburg foi uma ativista a um só tempo revolucionária e liberal, socialista e democrata", pontifica Isabel. "Para ela o marxismo era uma coisa viva, dinâmica, que se contrapunha ao marxismo ortodoxo dos partidos comunistas."

Para expor, comentar e debater os mais diversos aspectos da vida e obra de Rosa Luxemburg, a UNESP reuniu professores e intelectuais de várias universidades em torno do "Simpósio Rosa Luxemburg" (Veja a íntegra do programa no quadro abaixo). Um desses professores, o historiador francês Gilbert Badia, trazido ao Brasil especialmente para o evento, merece menção à parte. Membro da resistência durante a II Guerra Mundial, preso em campos de concentração, Badia é autor de um livro, "Rosa Luxemburg: Jornalista, Polemista, Revolucionária", publicado em 1984, que se tornou referência obrigatória para quem se interessa pelo trabalho de Luxemburg.

(P.V.)

Entre os temas, revolução e liberdade

Dia 10, às 9h15, abertura do evento com palestra de Jayme Wanderley Gasparoto, diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências do campus de Marília. Às 9h30, Maurício Tragtemberg (Unicamp) discorre sobre o tema "Rosa Luxemburg e a crítica dos fenômenos burocráticos", com debates de Ariovaldo Ribeiro (UNESP) e Patrícia Piozzi (Unicamp).

"Rosa Luxemburg e a social-democracia alemã" é o tema do qual se ocupará o historiador Gilbert Badia, a partir das 14h30. Badia será interrompido por Lauro Frederico Silveira (UNESP) e Oswaldo Coggiola (USP). A partir das 20 horas, Marco Aurélio Garcia (Unicamp) aborda "A Questão da Revolução e Rosa Luxemburg", com

debates de Emmanuel Appel (Un. Fed. Paraná) e Milton Lahuerta (UNESP).

No dia 11, às 9h30, será a vez de Leandro Konder (PUC/RJ e Un. Fed. Fluminense) abordar "O lugar da liberdade no pensamento de Rosa Luxemburg", com debates de José Aluísio Andrade e Roseli Martins Coelho, ambos da UNESP. Às 14h30, Paul Singer (USP e CEBRAP) fala sobre "A Teoria da Acumulação do Capital em Rosa Luxemburg", com debates de Francisco Luiz Corsi e Geraldo Elvio Balestrieri (UNESP). Às 20 horas, Tullo Vigevani (UNESP) aborda "A Essência Material e de Classe do Nacional", com debates de Clodoaldo Bueno e Fernando Kolleritz, da UNESP.

No dia 12, às 9h30, Wolfgang Leo Maar (UFSC) fala de "Lukács e Rosa Luxemburg", com debates de Carlos Eduardo Machado (UNESP) e Marcos Nobre (Esc. Sociologia e Política de São Paulo). Isabel Loureiro (UNESP) fala, a partir das 14h30, sobre "A Consciência de Classe em Rosa Luxemburg", com intervenções de José Carlos Estevão (UNESP) e Marjane Lisboa (PUC/SP).

Às 20 horas, finalmente, Gilbert Badia volta para falar de "Rosa Luxemburg: Revolução Alemã e o Spartakismo", com debates de Edmundo Fernandes Dias (Unicamp) e Iná Camargo Costa (USP).

CURSO

O Romantismo, reabilitando o sonho e a loucura

O movimento será abordado de forma ampla em curso na FCL de Araraquara

Com o objetivo de oferecer uma abordagem dos principais gêneros, autores e obras do Romantismo francês, bem como de seus vínculos com o mesmo movimento em outras literaturas europeias e americanas, está sendo ministrado na Faculdade de Ciências e Letras (FCL), campus de Araraquara, o curso "O Romantismo Francês, seus antecedentes, vínculos e repercussões".

De acordo com a professora Guacira Marcondes Machado Leite, coordenadora do curso, o Romantismo é, num sentido bem amplo, uma forma de conhecimento que veio abalar as convicções de um humanismo até certo ponto ingênuo, tradicional, segundo o qual o homem não teria angústias ou dúvidas ao se colocar a égide do progresso racional. "O Romantismo mostra que a ordem das coisas e a consciência humana não estão necessariamente em acordo, e que toda forma de conhecimento deve ser encarada não apenas do ponto de vista racional, mas como uma totalidade, na qual o irracional tem uma importância decisiva", resume.

Mas, como ela mesmo admite, definir o Romantismo não é tarefa das mais fáceis. Afinal, desde seu aparecimento, no século XVIII, o termo tem servido para denominar

tendências, idéias e os mais variados valores. "Enquanto movimento intelectual, artístico e literário, o Romantismo estende-se por toda a Europa, da segunda metade do século XVIII a meados do século XIX", ensina Guacira. "Ele surgiu inicialmente como reação à tradição clássica, à crença na superioridade absoluta da razão, para impor correntes iluministas que reabilitam o irracional, possibilitando o desenvolvimento completo do homem".

A professora Guacira diz ainda que, ao se ampliar, o Romantismo tomará direções diferentes, defendendo ora a autonomia da arte, ora a missão social do poeta. "Alguns autores darão uma finalidade puramente metafísica às suas obras, enquanto outros falarão apenas de seus sentimentos pessoais". Toda essa complexidade aumenta, segundo ela, devido às características internacionais do movimento. Ao se pretender estudar o Romantismo francês, é preciso levar em conta que ele não é apenas um movimento nacional, recebendo contribuições do Romantismo inglês e alemão, que o precederam, e influenciando outros movimentos que lhe são posteriores", lembra.

TODOS OS ROMANTISMOS

Iniciado no último dia 23 de agosto e devendo se estender até o próximo dia 15 de novembro, com conferências sempre às quartas-feiras, entre 14 e 17 horas, o curso reúne docentes do Departamento de Letras Modernas e Literatura da FCL, campus de Araraquara,



Goethe e Stendhal: românticos

do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE) de São José do Rio Preto, e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFLCH) da Universidade de São Paulo, numa tentativa de mostrar a integração de todos os romantismos.

A conferência inicial, da professora Fulvia Moretto (FCL) abordou "A Filosofia do Romantismo", contrapondo a razão e o sentimento no mundo moderno. No dia 30 de agosto, Maria Cecília Queiroz Pinto (USP) falou do "Pré-Romantismo francês: Rousseau e Chateaubriand", traçando um paralelo entre estes dois autores. "Teoria do Romantismo Alemão" foi o tema abordado por Zina Bellodi da Silva (FCL) no dia 13 de setembro, quando foram lembradas as teorias de autores como Kant, Goethe, Schiller e Novalis. No dia 20, Maria Magaly Trindade

(FCL) falou sobre "O Romantismo na Inglaterra", aproximando as obras dos poetas Wordsworth e Coleridge. Ainda em setembro, dia 27, Guacira Marcondes Leite (FCL) discorreu sobre a inauguração do lirismo romântico na palestra "Poesia do Romantismo Francês", através das obras de Lamartine, Victor Hugo, Jean Gautier e Gérard de Nerval.

"O Desenvolvimento do Conto sob o Romantismo Francês" foi a primeira palestra do mês de outubro, no dia 4, a cargo de Ana Luiza Camarani (FCL), que falou a respeito do conto fantástico, da valorização do inconsciente, do sonho e da loucura na literatura. No dia 11, Lidia Fachin (FCL) aborda "O Teatro Francês e o Romantismo" e, no dia 18, Guacira Leite discorre sobre "O Romantismo e o Romance Francês", detendo-se nos trabalhos de Stendhal, Balzac, Dumas e E. Sue. Na última palestra de outubro, Maria Glória Mazzi (FCL) ocupa-se do "Romantismo na Itália".

Em novembro, dia 1º, Carlos Daghlán (IBILCE) trata do "Romantismo na Literatura Norte-Americana", quando traça uma breve história dessa corrente literária, que vai de Poe e Whitman a Emily Dickinson. No dia 8, Jorge Cury (FCL) fala do "Romantismo Português" e, no dia 15, encerrando o curso, Lenira Conizzi (FCL) apresenta palestra sobre o "Romantismo no Brasil", falando de autores como Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias.

DALMO DE ABREU DALLARI

A Academia nem sempre é suficiente

Em maio desse ano, quatorze Conselhos Profissionais reuniram-se no 1º Fórum de Qualificação Profissional de Nível Superior a fim de discutir formas mais efetivas de coibir abusos no exercício das profissões. Nesse encontro foi elaborado um anteprojeto de lei — já enviado ao Congresso Nacional — que propõe a obrigatoriedade de exames de avaliação para que os recém-formados tenham direito a exercer a profissão — os diplomas, dessa forma, só tendo valor de certificado de conclusão de curso.

Diante de questão tão séria e controversa, iniciamos uma série de entrevistas com professores e profissionais, que debaterão o tema. Nesse número, ouvimos o eminente jurista e diretor da Faculdade de Direito da USP, professor Dalmo de Abreu Dallari, que expõe seu ponto de vista e relata a experiência da Ordem dos Advogados, a única no país a exigir um exame para o exercício profissional.

Entrevista a Sônia Goldfeder

Jornal da UNESP: Gostaríamos que o senhor, como diretor da Faculdade de Direito da USP e como jurista, nos colocasse seu ponto de vista quanto à recente discussão dos Conselhos Profissionais que estão reivindicando a exigência de um exame de qualificação para o exercício profissional.

Dalmo Dallari: Eu sou inteiramente a favor desses exames porque, na realidade, há uma diferença muito grande entre a preparação acadêmica, aquela que se faz na escola — mesmo que essa preparação seja acompanhada de seminários, de prática, de experiência — e a outra exigência que é estritamente profissional. Porque, na realidade, por melhor que uma escola prepare, ela não é suficiente para que se perceba uma aptidão profissional. As vezes, o aluno pode ter capacidade muito grande para estudar, para aprender e depois se revelar inapto para o exercício de uma profissão ligada à mesma área. Por esta razão, antes de outras, porque há outras também, eu sou inteiramente a favor desse teste, desse exame que se faz para o ingresso na profissão.

JU: O senhor acredita que essa mesma medida deveria se estender para o exercício de toda profissão, sem distinção?

DD: Acho que todas essas profissões, tidas no Brasil como de nível universitário, deveriam ficar sujeitas a esta restrição. De fato, há um fenômeno importante, que nós não podemos perder de vista. Nos últimos anos, houve um au-

mento brutal da população universitária. Isto ocorreu, mais ou menos, a partir de 1969, quando passamos de 100 mil universitários para um milhão. E com isso o número de pessoas procurando exercer a profissão aumentou extraordinariamente. Essa questão tem dois aspectos: um, o aspecto positivo, significando uma democratização de oportunidade. Ou seja, um número muito maior de brasileiros está chegando à universidade, e com uma possibilidade formal de exercer uma profissão universitária. Mas, por outro lado, este aumento terrível e rápido de quantidade significa que muita gente com um preparo deficiente também obtém uma titulação acadêmica. Então, é necessário que, depois da conclusão do curso universitário, haja ainda uma triagem feita por profissionais para que alguém seja autorizado a exercer uma profissão.

JU: Essa medida não pode significar postergar-se uma discussão anterior a essa, que seria a melhoria da qualidade de ensino? O que aconteceu em 69, o aumento de alunos foi consequência de uma proliferação descontrolada de faculdades, a maioria privada, que estão funcionando sem qualificação suficiente. A questão não seria a de melhorar o ensino das universidades, para se formar um profissional mais qualificado?

DD: Eu acho que não, porque nós temos um exemplo histórico, que demonstra que as coisas não se colocam bem assim. Nos Estados

Unidos, onde temos universidades altamente equipadas e que são classificadas entre as melhores do mundo, como por exemplo a Universidade de Harvard, a Universidade de Colúmbia, se exige

“Por melhor que uma escola prepare, não é suficiente para detectar uma aptidão”

o exame na ordem para o exercício da profissão. São universidades reconhecidas de altíssimo nível e que, no entanto, acham normal e também os seus alunos acham normal, que, uma vez obtido o grau universitário, haja o exame para o ingresso na profissão. Quer dizer, tudo se resume, em última análise, na diferença que existe entre uma preparação acadêmica e a aptidão para o exercício de uma profissão.

JU: Mas, no caso brasileiro, o sr. não acredita que essa discussão deveria ser acompanhada de outra, a do estabelecimento de um controle maior do nível de ensino universitário?

DD: No caso brasileiro houve uma concomitância de dois fenômenos: de um lado, o aumento brutal de vagas universitárias. Houve um momento em que o governo praticamente forçava as universidades a aumentarem as vagas. O governo federal dava dinheiro para quem quisesse instalar cursos universitários. Isso,

realmente, trouxe, como um dos efeitos, o aparecimento de escolas de baixo nível. Mas, trouxe também, como outro efeito, a ampliação da possibilidade de chegar à universidade. Então, muita gente que tinha talento, que era capaz, competente, não chegava à universidade, porque a competição era muito grande, favorecendo sempre os que tinham, além de aptidão, um nível econômico melhor e outras vezes favorecia aqueles que só tinham nível econômico melhor. Então, o aumento muito grande de vagas universitárias aumentou também a possibilidade daqueles que, mesmo sendo pobres, têm boas condições, têm aptidão, competência, dedicação para obtenção de um título universitário. Então, são duas coisas que se casam. Quer dizer, de fato, em parte, houve um decréscimo de qualidade, mas em parte, houve também o aumento rápido do número de profissionais. Então, com isso, nós temos hoje a possibilidade de fazer uma seleção. Eu acho que devemos fazer a seleção no momento do ingresso na profissão.

JU: A Ordem dos Advogados é a única no país que exige o exame qualificador para o exercício da profissão. Comente por favor essa experiência e os aspectos positivos decorrentes dessa “triagem” dos profissionais.

DD: Olha, essa experiência na área de advocacia tem sido das mais positivas e já é tradicional na Ordem dos Advogados. A exigência de um exame de seleção

feita pela própria Ordem para o ingresso na profissão já tem muitas décadas. Nesse momento, os próprios advogados fazem a seleção, examinam o candidato à profissão e verificam se existe aptidão para trabalhar. Isso tem contribuído para o bloqueio de muitos maus profissionais, porque, além de verificar a aptidão pessoal em termos psicológicos, em termos de desenvoltura, a Ordem dos Advogados tem também uma oportunidade de fazer uma verificação de conhecimentos básicos. Então, isso bloqueia também o mau aluno, aquele que veio de uma escola de fim de semana, de uma escola de má qualidade, que obteve um título universitário e que entraria na profissão se não fosse a barreira do exame da Ordem. Então, na verdade, nós da área de direito estamos muito tranquilos quanto a este aspecto. A Ordem dos Advogados realmente faz uma vigilância, faz uma seleção e tem contribuído muito com isso para evitar que maus profissionais entrem no mercado de trabalho.

JU: Como é formada a banca examinadora que faz essa seleção?

DD: Essa banca examinadora é formada pela própria Ordem. Naturalmente, é composta de advogados que trabalham em áreas diferentes. Sim, há advogados que trabalham na área civil, outros na trabalhista, na área criminal. São pessoas que têm experiência, que comprovadamente já se firmaram como profissionais.

JU: Quem designa os nomes dos componentes dessa banca?

DD: A escolha das bancas examinadoras se faz por designação da própria direção da Ordem. Geralmente, entre seus membros, são indicados conselheiros da Ordem, quer dizer, profissionais já de comprovada competência. São profissionais já experimentados, que se firmaram na profissão e que por isso têm condições de verificar se os seus pretendentes a colegas estão também preparados para isso.

JU: Qual é o caráter desse exame?

“Nos EUA há universidades de alto nível e é exigido exame para o exercício profissional”

DD: Ele implica em uma parte escrita e outra oral. Ou seja, o candidato a advogado é obrigado a escrever, porque na prática da advocacia, ele é obrigado a escrever muitas e muitas vezes. Mas, além disso, ele é também submetido a uma prova oral. Pois é parte da profissão o uso oral da palavra: na realização de uma audiência, participando de uma inquirição ou, às vezes, tendo que, rapidamente, dar uma resposta ao juiz ou fazer um requerimento baseado num pressuposto jurídico legal. Assim, o advogado tem que ter aptidão para falar e para escrever. Por esta

razão, a Ordem faz um exame, que inclui as duas espécies de verificação.

JU: É muito alto o número de reprovações no exame?

DD: Não tenho, neste momento, o percentual preciso. Mas as informações que tenho recebido é que é muito alto o número de reprovações. Nos últimos anos, elas foram ficando muito altas, especialmente por causa dos cursos de fim-de-semana, cursos de qualidade inferior. Mas, isso mostra como é bom o exame da Ordem. Porque se o governo descurou da vigilância, se houve excessiva facilidade na criação de cursos de Direito, houve também a Ordem dos Advogados, que permaneceu como uma barreira. Houve uma vigilância a serviço do povo, a serviço dos futuros usuários dos trabalhos do advogado para impedir que maus advogados ingressem na profissão.

JU: Além do exame, como a Ordem tem atuado no controle dos profissionais?

DD: A Ordem dos Advogados, além de fazer esse exame prévio, faz uma vigilância constante. É possível que qualquer pessoa denuncie à Ordem um advogado que está trabalhando mal. Um advogado que age desonestamente ou contra a ética. É comum também que os próprios juízes façam uma denúncia à Ordem. As vezes, o juiz faz a denúncia até mesmo pela baixa qualidade intelectual do advogado. Quando um juiz, num processo, verifica que o cliente é mal defendido porque o advogado é absolutamente despreparado, é normal que ele tire cópias das peças dos autos, que demonstre a baixa qualidade do profissional e mande essas cópias para a Ordem dos Advogados. E a Ordem então, com frequência, suspende profissionais e há casos extremos em que ela até elimina os profissionais dos seus quadros. É um dado paralelo, que é importante lembrar, é que praticamente todas as profissões jurídicas estão sujeitas a um exame especial para o exercício. Aqui estamos falando do advogado, que tem que passar pela Ordem dos Advogados para exercer a profissão, mas, além disso, o bacharel em Direito pode ser juiz. Mas ele só fica juiz depois de aprovado num exame também rigoroso, feito pelo Tribunal de Justiça.

JU: Ele pode ser juiz antes de ser advogado?

DD: Não. Para ser juiz se exige que ele tenha, pelo menos, dois anos de prática de advocacia. Mas, além de advogado e de juiz, ele tem uma terceira possibilidade, que é ser membro do Ministério Público. Aí também ele é sujeito a um exame rigoroso feito pelo próprio Ministério. E uma

quarta possibilidade, é o delegado de Polícia, que também é um bacharel em direito e que também só ingressa na profissão depois de submetido a um exame, a um concurso público de provas e títulos que, também, costuma ser rigoroso.

JU: Que nem sempre é suficiente, o senhor concorda?

DD: O que acontece é que a prática, às vezes, revela um desvio qualquer, um desvio de conduta. As vezes, são as circunstâncias que levam um profissional a proceder mal. Isso acontece. Mas

“Muita gente que tinha talento, que era capaz, não chegava à universidade por causa da competição”

aconteceria muito mais se não houvesse o exame de seleção.

JU: Quando se fala em estender essa prática da Ordem dos Advogados a outras profissões como Medicina, Engenharia, Arquitetura, há o temor de que os Conselhos Regionais dessas profissões funcionem mais como sistemas corporativos de proteção do que na verdade de controle e seleção do bom profissional. Como o senhor veria a possibilidade de cairmos no corporativismo?

DD: Acho muito arriscado fazermos uma afirmação de que o Conselho funciona para acobertar maus profissionais. Com base na própria advocacia — e eu já fui conselheiro da Ordem dos Advogados — sei que a corporação, mesmo quando pune rigorosamente, evita publicidade. Ela evita o escândalo. Ela evita a exploração maliciosa que possa denegrir toda profissão. Então, se um advogado comete um deslize, pratica ato desonesto e é punido pela Ordem dos Advogados, isso é publicado. Publicado para conhecimento de todos os advogados. Isso sai nos boletins dos advogados, os juízes também ficam sabendo. Além do mais, muitas vezes o profissional é punido, sofre uma punição de efeito temporário e se dá a ele possibilidade de recuperação. Agora, se houver o escândalo, se houver a publicidade, ele fica desmoralizado perante a opinião pública e nunca mais será recuperado. Então, é a aplicação de uma pena perpétua. Eu acho que, em parte, isso deve acontecer também nas outras áreas, especialmente na Medicina. Eu, de fato, não sei exatamente como as coisas se passam. Mas, tenho a impressão de que, em parte, pelo menos, deve ocorrer isto. Quer dizer, pune-se evitando a publicidade escandalosa da punição.

GRADUAÇÃO

Em busca de uma melhor qualidade de ensino

A preocupação com a melhoria da qualidade de ensino continua a conduzir a Universidade rumo à adoção de medidas concretas. Destacam-se, nesse sentido, o permanente investimento na capacitação do corpo docente e no aparelhamento da infraestrutura necessária ao funcionamento dos cursos. Além dessas, a criação da Pró-Reitoria de Graduação por si só já demonstra a prioridade com que a questão está sendo tratada, referendada pela criação de outras instâncias, como os Conselhos e Coordenações de Curso. Outras medidas também são incluídas, como a

adequação dos cursos encampados ao padrão de qualidade da UNESP, através de ações como a redução do número de vagas de determinados cursos ou mesmo a suspensão de outros para o vestibular de 1990, como ocorreu no campus de Bauru. Para tanto, foram compostas comissões interunidades responsáveis pelo estudo da viabilidade de seu funcionamento. Nesse momento, mais um passo é dado para alcançar a melhoria da qualidade do ensino de graduação: inicia-se a elaboração de um projeto de avaliação de cursos, que envolve a participação direta de seus coordenadores.

Coordenadores de curso participarão ativamente

Os novos coordenadores de curso de graduação da UNESP iniciaram suas atividades contando com mais um desafio: elaborar o projeto de avaliação dos cursos. No dia 13 de setembro, eles participaram de um primeiro encontro, realizado na Reitoria, que reuniu cerca de quarenta coordenadores — os primeiros a serem indicados pelas unidades.

A criação dos Conselhos e Coordenações de cursos já era prevista no texto do novo estatuto da UNESP, mas sua instalação de fato se deu a partir da aprovação, pelo Conselho Universitário, em 15 de junho, de suas competências, formas de organização, escolha dos integrantes. Desde então, cada unidade está procedendo à escolha de seus coordenadores e compondo seus Conselhos.

Nesta primeira reunião com os coordenadores, o pró-reitor de Graduação, professor Antônio César Perri de Carvalho, apresentou a proposta de elaboração de um projeto de avaliação dos cursos de graduação da UNESP e especificou o papel dos coordenadores no processo. "A avaliação é um dos temas mais polêmicos no meio da comunidade acadêmica", considera Perri. Para ele, trata-se de um processo que visa desenvolver métodos e incorporar procedimentos de apoio à melhoria da qualidade de ensino. O pró-reitor ressaltou, entretanto, que, para isso, é preciso considerar alguns pressupostos. "Em primeiro lugar, é necessário definir de forma clara os objetivos do processo avaliativo e seus critérios; em segundo, que os indicadores escolhidos sejam gerais para a Universidade, com caráter de unidade, e específicos, de acordo com as características próprias de cada curso de graduação; e, por fim, que o processo avaliativo não seja imposto, mas proposto por meio de um trabalho de base junto à comunidade envolvida", explica.

A partir dessas premissas, o pró-reitor de Graduação indicou um programa para elaboração do projeto de avaliação de cursos de graduação, que envolve diretamente todos os coordenadores de curso. Assim, essa primeira reunião de coordenadores fez parte de um cronograma mais amplo. Nela, os coordenadores tiveram oportunidade de conhecer a experiência de outras universidades brasileiras sobre avaliação. (veja matéria ao lado). A partir desse contato, os coordenadores, juntamente com os Conselhos de Curso de cada

unidade, deverão elaborar propostas para avaliação de seus cursos. Essa etapa prevê também a realização de reuniões entre cursos idênticos das diferentes unidades. O prazo previsto para a conclusão dessa fase é março de 1990. Em abril, as propostas deverão ser encaminhadas à Pró-Reitoria de Graduação que, em maio, promoverá uma reunião final da Comissão Central de Graduação com os coordenadores de curso. A partir daí, as propostas aprovadas passarão pelos trâmites normais junto ao CEPE, que determinará sua implantação.

MEDICINA: PIONEIRISMO

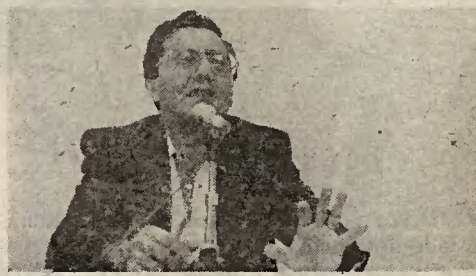
Apesar da avaliação de cursos ainda não ser um procedimento generalizado para o conjunto da Universidade, já existe na UNESP uma iniciativa de caráter isolado, cuja experiência poderá vir a fornecer subsídios para a elaboração de um projeto amplo e global. Trata-se da avaliação do curso de Medicina, ministrado pela Faculdade de Medicina do campus de Botucatu.

Segundo o professor Eder Trezza, do departamento de Clínica Médica da FM-Botucatu, um dos responsáveis pelo projeto, foi a partir de um diagnóstico informal que apontava para a necessidade de mudanças curriculares que a Câmara de Graduação Local propôs a constituição de uma comissão para avaliar o curso. Essa comissão — que ora conta com mais de quarenta membros, entre alunos e professores, pois foi recentemente acrescida com a criação do Conselho de Curso — elaborou um projeto dividido em três etapas. Numa primeira fase, que durou um semestre, a Comissão realizou palestras e reuniões para definir os objetivos do curso, ou seja, o perfil do profissional que a Faculdade pretende formar.

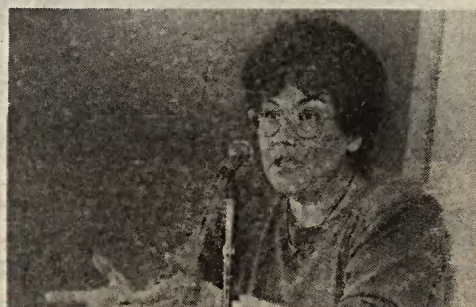
A etapa seguinte, que está em vigor, consiste na avaliação propriamente dita, que é a verificação de se o curso está cumprindo aqueles objetivos levantados. Para tanto, estão sendo entrevistados alunos, professores e profissionais formados pela Faculdade. Numa terceira fase, serão feitas as mudanças curriculares que se fizerem necessárias para adequação do curso aos objetivos a que se propõe. Essa fase deverá ser concluída até o final de 1990. A ideia, segundo o professor Eder Trezza, é que o novo currículo da Medicina entre em vigor a partir de 1991.



Célia Figueiredo de Bastos, da UFF



José Camilo dos Santos Filho, da Unicamp



Ana Maria Cintra, da PUC

As experiências da Unicamp, PUC e UFF

As experiências em avaliação desenvolvidas por outras universidades brasileiras foram também apresentadas aos coordenadores do curso da UNESP em seu primeiro encontro. Representantes da Unicamp, PUC de São Paulo e Universidade Federal Fluminense relataram como a questão está sendo encaminhada em suas instituições.

José Camilo dos Santos Filho, representando o pró-reitor de Graduação da Unicamp, professor Antonio Sete, colocou que o processo de avaliação em sua universidade ainda está bastante incipiente. Apenas em maio deste ano foi realizado um seminário sobre problemas de ensino, onde foi apontada a necessidade de se avaliar os cursos.

Já na PUC de São Paulo, apesar de não haver um projeto global em andamento, que envolva toda a universidade, há várias experiências isoladas que merecem destaque. A vice-reitora acadêmica, professora Ana Maria Cintra, apontou a dos cursos de extensão universitária, que passam por uma avaliação conjunta de alunos e professores; a do curso de Língua e Literatura Portuguesa, envolvendo questões didáticas e curriculares; e a de acompanhamento de reformas curriculares por comissões de avaliação junto a diversos cursos.

Para a vice-reitora da PUC, não só os cursos devem ser avaliados, mas também a pesquisa docente, os próprios alunos e até mesmo o sistema administrativo. A PUC tem avaliado regularmente a produção científica de professores, sobretudo a partir da instituição do fundo de bolsa para o docente que se dedica à pesquisa. Segundo ela, os exemplos isolados, entretanto, não eliminam a necessidade de uma análise institucional, que deve incluir os três segmentos: acadêmico, administrativo e comunitário. "Não queremos entender a avaliação como um evento; ela deve ser um processo que leve a uma transformação do trabalho", acrescenta.

Na Universidade Federal Fluminense, o processo de auto-avaliação foi iniciado em setembro de 1986, junto à gestão da pró-reitora de Assuntos Acadêmicos, professora Célia de Figueiredo Bastos. Embora o processo já tenha alguns anos, Célia admite que sua proposta tem avançado lentamente, porém a passos seguros. "Procuramos criar um clima incentivador, para que a avaliação possa ser sistemática e fazer parte da rotina de trabalho". Para ela, o foco principal do processo de avaliação são os cursos.

Na UFF, os trabalhos formais se iniciaram em meados de 87, envolvendo uma equipe específica da Pró-Reitoria, que realizou uma série de sessões para discutir textos relacionados à avaliação em instituições universitárias. A partir dessa fase de "amadurecimento da equipe", como qualifica a pró-reitora, iniciou-se uma nova etapa envolvendo os coordenadores de cursos de graduação dos quatro centros que compõem a universidade. Após palestras com especialistas sobre diferentes abordagens metodológicas em avaliação, os coordenadores e a equipe de avaliação da Pró-Reitoria realizaram reuniões para discussão dos problemas específicos de cada curso. A partir daí, o grupo elaborou um questionário para definição do perfil do aluno da UFF, previsto para ser aplicado ainda neste ano.

Paralelamente, a Pró-Reitoria elaborou um projeto abrangente de avaliação, encaminhando-o à SESu/MEC para conseguir recursos financeiros, uma vez que houve grande número de adesões de coordenadores ao grupo de avaliação. "Mesmo sem ter ainda resposta ao projeto, seis cursos já formularam propostas isoladas de avaliação que privilegiam desde estudos curriculares e avaliação no desempenho docente até o estudo dos efeitos da gestão colegiada do desempenho do curso de graduação", comenta a pró-reitora da UFF.

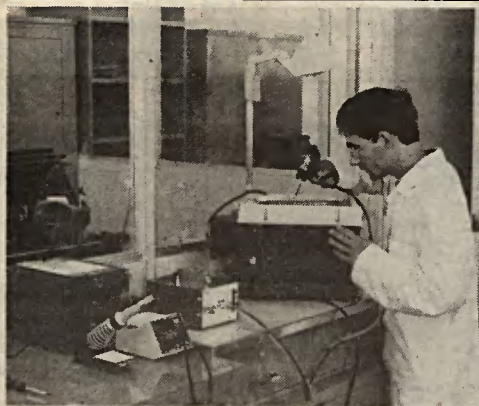
Katia Saia

A primeira reunião dos coordenadores de cursos de graduação da UNESP foi realizada no dia 13 de setembro, na sala do C.O., na Reitoria.



Lilo Claret

EQUIPAMENTOS



Nas oficinas, seis técnicos e um engenheiro

Primeiro núcleo de manutenção já está operando

Desde meados do mês de setembro, as unidades dos campus de Botucatu e Bauru têm como ver reparados, com maior rapidez e economia, seus aparelhos danificados. Já está em funcionamento o primeiro Núcleo de Manutenção de Equipamentos da UNESP, um dos quatro previstos pelo projeto de instalação do Centro de Manutenção de Equipamentos de Ensino e Pesquisa-CEMEQ, sediado na Reitoria. O primeiro núcleo foi instalado em Botucatu e os demais terão suas sedes em Araraquara, Araçatuba e Guaratinguetá, numa distribuição geograficamente estratégica dentro do Estado.

Segundo o coordenador do CEMEQ, José Vicente Fortes, o núcleo de Botucatu foi escolhido como o primeiro a entrar em atividade por ser o campus que acumula o maior número de equipamentos — mais de 7.000 passíveis de manutenção interna. “Em Botucatu, teremos um núcleo piloto e, depois de verificarmos seu funcionamento, iremos determinar qual será o próximo a ser instalado”, afirma.

O objetivo básico do CEMEQ é planejar, propor e executar a manutenção de equipamentos da Universidade. No entanto, essa não será sua única função: os núcleos deverão dar parecer técnico na aquisição de novos equipamentos e acompanhar seu recebimento e instalação; organizar um serviço de manutenção preventiva; aprovar e supervisionar a execução de todos os contratos de manutenção efetuados pela Universidade e viabilizar a capacitação de recursos humanos através de treinamentos, entre outras atividades.

O CEMEQ deverá, ainda, possibilitar uma manutenção de qualidade no menor espaço de tempo possível. “A rapidez na chegada do equipamento ao local do conserto, a dispensa do orçamento e a mão-de-obra especializada que temos aqui proporcionam uma diminuição de custos e de prazo de entrega significativa”, enfatiza o gerente do núcleo de Botucatu, Manoel Álvaro Guimarães. “Isso, sem contar outros inconvenientes que poderão ser evitados, como equipamentos que voltam a apresentar problemas após o conserto, devido a transporte indevido ou à manutenção incorreta”, completa Manoel.

O núcleo de Botucatu está funcionando em sete salas, que somam um total de 100 m², em Rubião Júnior, e possui uma equipe de profissionais composta por seis técnicos nas áreas de eletrotécnica, ótica e microscopia, refrigeração, reprografia e eletrônica, chefiados pelo engenheiro Manoel. Com toda uma infra-estrutura disponível em suas oficinas e laboratórios, o núcleo conserta aparelhos como multímetros, osciladores, microcomputadores, impressoras, calculadoras, televisores, fotômetros, centrífugas ou mesmo equipamentos de maior porte, como os de ar condicionado, refrigeradores, bebedouros etc. Mas as atividades do CEMEQ não devem parar por aí. “Com a tecnologia que pretendemos desenvolver aqui no centro, num futuro não muito distante vamos começar a produzir alguns equipamentos”, prevê Manoel.

DOCUMENTO

A história secreta da América Latina

Centenas de informes sigilosos americanos são comprados pelo CELA

Até há bem pouco tempo, uma devassa nos arquivos secretos do governo norte-americano era uma tarefa impensável. Afinal, repousava lá a verdade muitas vezes incômoda sobre detalhes obscuros e histórias mal contadas envolvendo episódios como a Guerra das Malvinas, a Revolução Cubana, o golpe militar de 1964 no Brasil ou a queda do ditador Anastasio Somoza, na Nicarágua. Mas, o que antes só era possível nas mais delirantes obras de ficção, sem qualquer contato com a realidade, tornou-se agora uma possibilidade ao alcance de qualquer pesquisador.

O Centro de Estudos Latino-Americanos (CELA), da UNESP, acaba de adquirir um acervo de documentos do Arquivo Nacional dos Estados Unidos, referente à América Latina do período compreendido entre 1929 e 1985. A aquisição vai ao encontro dos objetivos do centro, criado há três anos por docentes da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) do campus de Araraquara, de prestar apoio à pesquisa e de produzir e divulgar material sobre a América Latina.

O lote adquirido pelo CELA reúne centenas de documentos inéditos no Brasil, como despachos consulares, informes da CIA, documentos de segurança nacional e relatórios de pesquisas (veja no quadro) que servirão, em sua maioria, como base para a formulação da política externa norte-americana para os países latino-americanos. Os documentos foram comprados à University Publications of America, uma editora que organiza e comercializa o material constante do Arquivo Nacional, visando, principalmente, facilitar o trabalho de pesquisadores norte-americanos.

A abertura desses arquivos a pesquisadores e historiadores de outros países, como explica o professor John Manuel Monteiro, coordenador do CELA, não se deu por acaso. “Esse fato só foi possível depois de uma forte pressão da sociedade americana, que discordava da política externa de seu país”. Segundo John Monteiro, o início dessa polêmica se deu com uma investigação feita em 1975 por um grupo de acadêmicos dentro do próprio Congresso Americano, que acabou por esclarecer a participação da CIA e do corpo diplomático norte-americano no golpe do Chile, em 1973, que depôs o presidente socialista Salvador Allende. “A partir daí, os americanos passaram a questionar a legitimidade e os limites de uma política sigilosa”, informa John. “E o engajamento do pessoal acadêmico nessa discussão foi o que proporcionou a divulgação de todo o material dentro e fora dos Estados Unidos”.

VISÃO DISTORCIDA

Porém, como admite o próprio coordenador do CELA, a imparcialidade desses documentos é bastante relativa, já que retratam acontecimentos históricos a partir de um ponto de vista francamente norte-americano. “Por outro lado”, ele pondera, “é justamen-



John Monteiro: documentação instigante

te essa visão, muitas vezes distorcida, que confere à documentação um sentido mais instigante para o aprimoramento de pesquisas sobre questões sociais, políticas, econômicas e culturais que se desenrolaram nesse período”. Entre os documentos há, por exemplo, registros de movimentos guerrilheiros insur-

gentes no Brasil que nem aqui são conhecidos. “Isso põe em dúvida a validade desse material enquanto fonte para o estudo da história interna dos países”, avalia John Monteiro.

Outro aspecto importante dessa aquisição é a possibilidade de se aprofundar os estudos em torno de questões que hoje ocupam as manchetes dos jornais, como o tráfico de drogas da Colômbia, por exemplo. Como se pode constatar nos documentos, a participação dos Estados Unidos nas questões internas desse país são bem mais antigas do que noticiam os periódicos. “O tráfico de drogas na Colômbia tem ligações com os movimentos guerrilheiros há muito tempo, e já na década de 70 o exército americano colaborava com as forças armadas colombianas”, completa Monteiro.

Os interessados poderão consultar a coleção de microfilmes do CELA na Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, no campus de Araraquara. O lançamento oficial será no dia 16 de outubro, no auditório da Fundunesp, à rua 25 de março, 837, 6º andar, em São Paulo.

O arquivo: de Perón a Jânio

O acervo adquirido pelo CELA, sobre a política externa dos Estados Unidos em relação à América Latina, é composto de sete coleções, perfazendo um total de 186 rolos de microfilmes, acompanhados, em sua maioria, por guias impressos contendo os resumos. A quase totalidade da documentação é escrita em inglês, restando apenas uma pequena parte — recortes de jornais e discursos políticos — em português e espanhol. A seguir, alguns exemplos dos documentos comprados:

- *Arquivo particular e diplomático de John Moors Cabot*. Parte do arquivo pessoal deste diplomata norte-americano. Relatórios e correspondência oficial do período 1929-1961 que abordam, entre outros acontecimentos, o golpe de 1930 na República Dominicana, a ascensão de Perón na Argentina e a crise gerada pela renúncia de Jânio Quadros no Brasil.
- *Relatórios de pesquisa da CIA*. Relatos breves do período compreendido entre 1946 e 1976, abordando crises políticas, movimentos de oposição e atividades de comunistas em diversos países latino-americanos.
- *Relatórios do Bureau de Serviços Estratégicos e do Departamento de Estado*. Informes confidenciais contendo análises minuciosas de movimentos considerados comunistas e relatos dando conta da expansão nacionalista e da articulação de movimentos golpistas.
- *Estudos especiais sobre a América Latina*.

na. Estudos aprofundados, de circulação restrita, enfocando os efeitos da Revolução Cubana sobre outros países do continente, as reformas de estruturas agrárias e o papel dos militares na política. Período: 1926 a 1985.

- *Documentos confidenciais do Departamento de Estado sobre Cuba, referentes a assuntos internos e externos*. Destacam a relação estreita entre o governo norte-americano e a ditadura de Batista, a presença e a proteção dos investimentos norte-americanos na ilha e a postura ambígua do país frente à Revolução, em seu período inicial. Período: 1945 a 1959.

- *Documentos confidenciais do Departamento de Estado sobre a Nicarágua, referentes a assuntos internos e externos*. Material inédito, de 1945 a 1959, retratando o nível de penetração americana no país e a postura norte-americana frente à consolidação e à preservação do poder da família Somoza.

- *Documentos do Conselho de Segurança Nacional relativos à América Latina, governos Kennedy e Johnson*. Abrangem o período entre 1961 e 1969. Tratam da relação entre a política oficial dos Estados Unidos e a expansão do investimento e do capital privado norte-americano na América Latina; e da crescente tolerância do governo norte-americano por ditaduras militares, além de mostrar a postura agressiva do governo Kennedy em relação a Cuba e o papel dos Estados Unidos no golpe de 1964 no Brasil.

EXTENSÃO

Universidade coordena censo em Santos

Conhecer de que forma é ocupado o solo de Santos e o nível sócio-econômico e educacional de sua população, visando ao plano de governo de 1990. Esse é objetivo do censo geral que está sendo realizado na cidade, desde o dia 25 de setembro último, sob a coordenação do Centro de Ensino e Pesquisa do Litoral Paulista (CEPEL), da UNESP. A atividade permitirá ao Centro participar de forma efetiva na elaboração do plano educacional de Santos e contribuir para a melhoria do nível de ensino em sua rede pública.

A meta do levantamento era, num primeiro momento, mudar o quadro do ensino na região, com a promoção de programas de alfabetização ou outros cursos visando atingir aqueles que abandonaram a escola. “Para is-

so, se fazia necessário localizar o público alvo desses cursos e indagar sobre seus anseios em termos educacionais, o que não é feito pelo IBGE”, explica a professora Myrna Rossi Rego, coordenadora do CEPEL. No entanto, durante a organização dos trabalhos, o censo educacional se desdobrou, com a intervenção das secretarias de Planejamento e de Obras. “O levantamento inicial foi estendido para o âmbito sócio-econômico da população e para a forma de ocupação do solo, seja na área plana da cidade ou na região dos morros, onde se concentram as atenções da defesa civil”, diz Myrna.

O censo, que abrangerá todas as unidades de habitação permanente da cidade — cerca de 110 mil —, teve início no dia 25 de setem-

bro, na região dos morros. No dia 16 de outubro serão iniciados os trabalhos na área plana da cidade. “Espera-se a adesão de 500 voluntários, entre professores e estudantes”, prevê a professora Myrna. “Caso isso se confirme, o censo deverá ser concluído até meados de novembro.”

O trabalho realizado pelo CEPEL acabou chamando a atenção de vários municípios vizinhos e, em função disso, acabou sendo contratado pelas prefeituras de Peruíbe e Praia Grande para desenvolver ali censos semelhantes. “Estamos aguardando a concretização de convênios entre as prefeituras e a Universidade para podermos definir de forma mais clara a execução das pesquisas”, conclui Myrna.

BANCO DE DADOS

A previsão eleitoral e o poder público

Em discussão, o comportamento político

Listagens eleitorais, classificadas por cidades, candidatos e partidos, e números que identificam alterações nas atividades produtivas e na intervenção do setor público (políticas de educação, saúde etc.) — esses elementos foram introduzidos em um banco de dados registrando 20 anos da história eleitoral e as políticas públicas em São Paulo, o que permite consultas rápidas e dirigidas.

O trabalho se originou a partir de questões iniciais formuladas pelos professores da área de Política, na Faculdade de Ciências e Letras (FCL), campus de Araraquara. Basicamente, pretendia-se investigar em que medida as atividades do Estado respondiam à motivações racionais ou clientelísticas. Procurava-se também testar e superar os clichês comuns nas análises desse tipo. O cruzamento das duas séries define o próprio título da pesquisa: "Dinâmica do interior do Estado de S. Paulo e intervenção do setor público".

Desdobramentos

Segundo Maria Teresa Miceli Kerbauly e José Luis Bizelli, professores de Política da UNESP, os desdobramentos do projeto atingem os campos teórico, prático e "pragmático" da política.

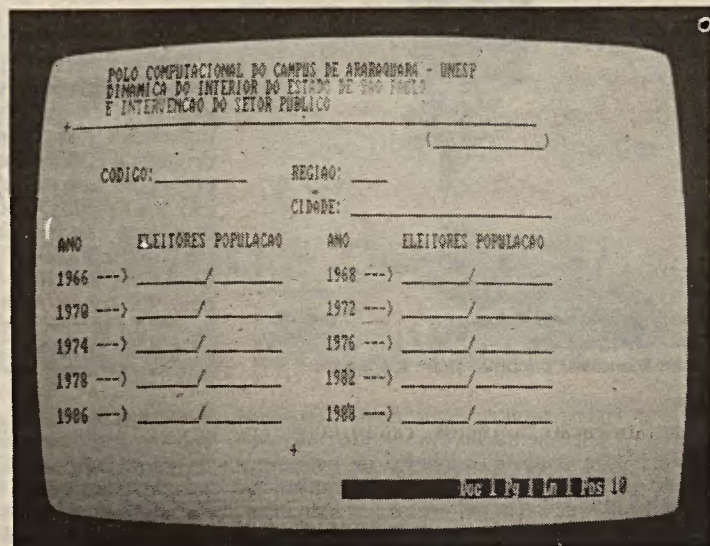
No plano teórico, os mapas permitem testar a amplitude e eficácia de alguns conceitos e teorias elaborados pela ciência política, em particular aqueles relativos ao comportamento eleitoral e às iniciativas do poder público. "É possível discutir, desse modo, questões como a previsibilidade (ou não) do comportamento político sem apelar a dados localizados e esparsos demais, o que facilmente induziria a conclusões impressionistas", explica Tereza Kerbauly. No plano da "ciência aplicada" pode-se extrair desse estudo uma série de "lições" quanto à elaboração de sondagens e análises de tendência de voto, por exemplo.

No plano da "técnica política", pode-se imaginar o uso resultante para o planejamento, intervenção de partidos e organizações sociais e para o marketing político, evidentemente.

Métodos e instrumentos

Mas há desdobramentos possíveis também nos procedimentos e hábitos de pesquisa mais frequentes na Universidade, sobretudo nas áreas de ciências humanas. O projeto acentua a importância da investigação coletiva e interdisciplinar, no levantamento dos dados, elaboração de hipóteses, discussão de fundamentos e conclusões. Neste caso, em particular, pelo menos três "formações" diferentes tiveram que interagir: cientistas políticos, economistas e analistas de sistemas. Surgiu, ainda, com maior evidência, a importância do laboratório coletivo em ciências humanas, um laboratório que não é mais o escritório e a biblioteca do solitário pesquisador.

Tereza Kerbauly insiste ainda em um aspecto, a seu ver um pouco secundarizado ultimamente. "O trabalho com pesquisas eleitorais oferece oportunidade de resgatar a compreensão do conflito e da diferença, o que relativizaria uma tendência a pensar apenas em termos de integração e racionalidade", pondera. Este último risco poderia, na sua opinião, decorrer de um enfoque que examinasse, privilegiadamente ou com exclusividade, as políticas públicas.



Pesquisas eleitorais: 20 anos de história

Dificuldades e perspectivas

Desde o início, o volume de dados e a necessidade de processamento veloz sugeriram a opção de trabalhar em computador. De grande porte, um supermini do Pólo Computacional de Araraquara, o que exigiu elaboração paciente de programas na linguagem COBOL. Meses de diálogo entre cientistas políticos e o analista de sistemas Nikolas Lochagin culminaram no "desenho" de rotinas e procedimentos que tornassem manuseável a enorme quantidade de informações. Algum tempo foi gasto ainda no treinamento de estudantes estagiários, para que, por exemplo, lessem cuidadosamente os mapas do TRE e tabelas do IBGE, digitando-os nos padrões do programa. Aliás, dada a importância crescente desses instrumentos de trabalho e a carência de profissionais que frequentemente simultaneamente o universo informático e o da pesquisa em outras áreas de conhecimento (notadamente as Ciências Humanas), Tereza Kerbauly acredita ser fundamental que as universidades invistam na formação de núcleos que tornem possível esse intercâmbio.

A equipe inicia agora o estudo de alguns cruzamentos de dados já obtidos, sobre as 50 maiores cidades do Estado. Os planos incluem ainda a publicação de resultados e a "tradução" dos dados computadorizados para sistemas de pequeno porte (microcomputadores PC com discos rígidos), o que permitirá o fornecimento dos disquetes através da Editora da UNESP. Esta última iniciativa, inédita no Brasil, permitiria que planejadores e pesquisadores de outros centros tivessem em mãos importantes dados quantitativos na forma de digitação magnética, acessível às combinações que julgassem mais convenientes.

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Incentivar e promover o contato entre os alunos da UNESP que estão se iniciando como pesquisadores e fornecer a eles conhecimentos sobre os mecanismos e a política dos órgãos de financiamento sobre bolsas de graduação. São estes, em resumo, os objetivos básicos do I Congresso de Bolsistas de Iniciação Científica, que será realizado entre os próximos dias 29 e 31, no campus de Araraquara.

Com promoção da Pró-Reitoria de Graduação, o congresso será iniciado às 20 horas do dia 29, com conferência do reitor Paulo Milton Barbosa Landim, após o que será realizada uma atividade cultural pelo Instituto de Artes da UNESP — IA. No dia 30, às

PUBLICAÇÃO I

Volta a circular revista de C&T

A Revista Brasileira de Tecnologia, uma publicação mensal que busca refletir os avanços concretos da pesquisa tecnológica no Brasil e os debates mais significativos da política científica no país, volta a circular. Criada há 19 anos pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — CNPq —, a revista retorna ao público renovada em termos gráficos e editoriais.

Nesse último aspecto, destaca-se a preocupação maior, agora, de enfatizar a importância da articulação entre pesquisa científica e tecnológica e o sistema produtivo nacional. Em termos de orientação geral, vale registrar que a Revista Brasileira de Tecnologia reflete a convicção de que o Brasil só conseguirá altas taxas de crescimento econômico na próxima década se investir decisivamente na tecnologia de ponta. De acordo com o presidente do seu Conselho Editorial, o empresário e professor da USP, João Alexandre Viêgas, "aqueles que pensam assim partiram da constatação de que são essas tecnologias o carro-chefe das economias industriais".

O primeiro número da revista, nesta nova fase, traz como matéria de capa os planos dos principais candidatos à presidência da República para a área de ciência e tecnologia. A edição, com 72 páginas, traz ainda uma espécie de passeio arqueológico pelos sítios de São Raimundo Nonato, no Piauí, onde as pesquisas apontam que o homem chegou à América há 50 mil anos, e uma extensa reportagem sobre o estágio da pesquisa e produção de vacinas. As áreas estratégicas do desenvolvimento tecnológico, como informática, telecomunicações e biotecnologia, são tratadas em vários textos, e há ainda reportagens e notícias sobre meio ambiente, ciências sociais e comportamento.



PUBLICAÇÃO II

GUIA DO VESTIBULANDO

UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Tudo sobre os cursos de graduação
A experiência de sair de casa para estudar
Os grilos do vestibular



O Guia, em sua 3ª edição

Cumprindo o importante papel de difundir a UNESP entre alunos de cursinhos e escolas de 2º grau, já está sendo distribuído o Guia do Vestibulando, publicação que reúne informações sobre os 81 cursos de graduação oferecidos pela Universidade e traz um perfil de suas 24 unidades, distribuídas por quinze cidades do Estado.

Nesta terceira edição, o Guia ganhou um maior número de páginas (56) e foi enriquecido com uma crônica de Lourenço Diaféria e desenhos dos cartunistas Glauco e Pelicano. A novidade maior desta edição, entretanto, é a inclusão de uma reportagem sobre a experiência de estudantes que tiveram que mudar de cidade para estudar, o que acontece com a grande maioria dos alunos da UNESP.

O principal objetivo da publicação é orientar quem pretende alcançar uma profissão de nível superior, auxiliando na quase sempre difícil tarefa de escolher que curso e carreira seguir, bem como em que universidade estudar. Nesse sentido, o Guia traz informações detalhadas sobre a Universidade e seus cursos, traçando um perfil do conjunto da UNESP e das condições de que dispõe para oferecer um ensino gratuito e de alto nível. O Guia do Vestibulando traz também informações sobre as cidades onde estão localizados os campus da UNESP, além de esclarecer a forma de organização do vestibular e conter os endereços dos locais de inscrição. No próximo vestibular, a Universidade oferecerá 4.208 vagas.

Os 150.000 exemplares do Guia do Vestibulando estão sendo distribuídos gratuitamente pelas unidades da UNESP em suas respectivas regiões e pela Assessoria de Comunicação e Imprensa da Reitoria — responsável também por sua elaboração —, na Grande São Paulo e em várias outras cidades do Estado.

Debatendo os primeiros passos

8h30, abertura oficial com palestra do pró-reitor de Graduação, professor Antonio Cesar Perri de Carvalho; às 9h30, o professor Ennio Candotti, presidente da SBPC, falará sobre "A Importância da Iniciação Científica para o Progresso da Ciência". Às 14 horas será iniciado o simpósio "Política das Agências Financiadoras", com coordenação da professora Dértia Villalba Freire-Maia e participação dos professores Carminda da Cruz Landim, diretora de Fomento da FUNDU-UNESP; Angela Santana, Coordenadora de Bolsas da CAPES; Flávio Fava de Moraes, diretor científico da FAPESP; e Crodowaldo Pavan, presidente do CNPq.

No dia 31, entre 8h30 e 14 horas, serão

promovidas sessões coordenadas de apresentação de trabalhos e, às 16 horas, encerramento pelo professor Perri. Às 17 horas, finalmente, será realizada uma reunião dos tutores do PET.

Os interessados poderão fazer suas inscrições, antecipadamente, na Pró-Reitoria de Graduação, à Praça da Sé, 108, 6º andar, em São Paulo. A taxa é de NCz\$ 20,00, para alunos da UNESP, e NCz\$ 30,00 para alunos de outras instituições.

O I Congresso de Bolsistas de Iniciação Científica tem o apoio da CAPES, CNPq, FAPESP, FUNDUNESP e SCTDE.

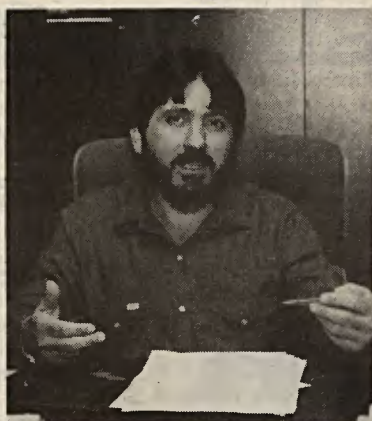
Em sintonia com as necessidades da região

Na FE-Ilha Solteira, ensino e pesquisa se voltam para os interesses da comunidade

O campus de Ilha Solteira abriga a Faculdade de Engenharia, única unidade universitária que tem o mesmo tempo de vida que a própria Universidade, cuja fundação remonta a 1976. Localizada a 680km da capital, próxima à fronteira com o estado de Mato Grosso do Sul, o distrito de Ilha Solteira, banhado pelo rio Paraná, foi originalmente projetado em função da construção, em 1968, da usina hidrelétrica da Companhia Energética de São Paulo-CESP. Apesar do nome, porém, não se trata de uma ilha. A origem de sua denominação se deve à existência de uma pequena ilha, isolada entre as margens do rio, de frente à barragem da usina.

A Faculdade iniciou suas atividades de graduação com cursos nas três habilitações da Engenharia — Civil, Elétrica e Mecânica —, utilizando os laboratórios e oficinas da CESP. No ano seguinte, a Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira (FEIS) passou a oferecer também o curso de Tecnólogo de Nivel Superior, em duas modalidades: Fitotecnia e Bovideocultura. Mas, como a atuação desses tecnólogos era muito limitada, decidiu-se, em 1981, eliminar essas áreas e implantar o curso de Agronomia. “Com essa medida, começamos a colocar no mercado o engenheiro agrônomo, um profissional bem mais completo”, explica o professor Nelson de Araújo, diretor da FEIS.

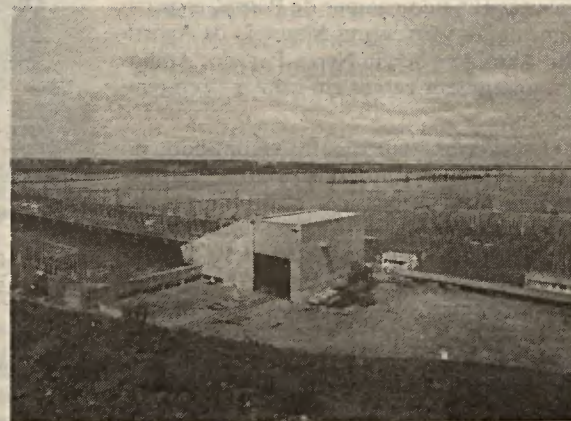
Com vários edifícios distribuídos pela cidade, onde funcionam laboratórios, departamentos e salas de aula, a FEIS, mesmo assim, não pára de crescer. “Estamos terminando um prédio de 300m², que será ocupado por um laboratório de Entomologia”, informa Araújo. Para dar apoio às atividades de ensino, pesquisa e extensão de serviços, a FEIS conta ainda com uma fazenda de 1.600 hectares (veja quadro) e, no total, soma 653 alunos. Com aproximadamente 25 mil habitantes, Ilha Solteira ainda é distrito da cidade de Pereira Barreto, a 40km,



O diretor da FE, Nelson de Araújo



A Faculdade de Engenharia mantém convênios com a CESP, que construiu a usina hidrelétrica em Ilha Solteira



Fotos Lilo Claretto

onde a CESP constrói a usina de “Três Irmãos”. “Há um ‘lobby’ para a emancipação de Ilha, e a existência da UNESP aqui é um fator determinante para que isso ocorra”, acredita o professor Luiz Roberto Trovatti, do Departamento de Ciências.

ASSISTÊNCIA AO ESTUDANTE

Apesar da relativa distância dos grandes centros urbanos do Estado, os quatro cursos da FEIS, com 40 vagas cada um, são, de acordo com a professora Dalva Maria de Oliveira, muito procurados. “Nos últimos anos, inclusive, caiu muito o índice de evasão estudantil”, ela completa. Um dos fatores que ajudam a minimizar o problema da evasão é que, ao ingressarem na FEIS, os alunos contam com um alojamento da UNESP, com capacidade para 130 estudantes, e mais 132 casas alugadas pela CESP, por uma taxa simbólica de NCz\$ 6,00. “Estamos também construindo um restaurante universitário, que deverá ficar pronto até o final deste ano”, acrescenta Nelson de Araújo.

Além disso, claro, os alunos contam também com um bom nível de ensino. Para se atingir esse padrão, são feitas permanentes adaptações

para atualização dos currículos. Na Mecânica, por exemplo, as áreas tradicionais são ciências térmicas, materiais e processos de fabricação e mecânica dos sólidos. “O interessante é que, aqui, nossas disciplinas são desenvolvidas abordando-se todas as áreas, permitindo ao aluno sair como um engenheiro pleno”, lembra Emanuel Woiski. Na Elétrica, a preocupação foi diminuir a carga horária do curso de 4.500 para 4 mil horas, “principalmente para possibilitar ao aluno uma participação nas atividades de laboratório e de pesquisa”, enfatiza o professor Aparecido Augusto de Carvalho. Segundo o professor Olair José Isepon, a Agronomia é voltada para a formação do engenheiro agrônomo eclético, “que poderá atender a diferentes áreas numa mesma empresa agrícola”.

Para atender às suas necessidades didáticas e de pesquisa, a Faculdade conta com uma biblioteca (com um acervo de 11 mil livros) e com uma Unidade de Processamento de Dados — o pólo computacional da FEIS —, com dez microcomputadores, um computador ABC-2.000 e um terminal TVA-20 SCOPUS, com quatorze funcionários. Além de contribuir com toda a administração da Faculdade, o pólo é bastante utilizado também pelos depar-

tamentos no ensino e pesquisa e prevê, para breve, uma fase de prestação de serviços. “Já há vários projetos cadastrados em nossos computadores”, comenta a professora Dalva Maria, uma entusiasta da usária do pólo.

PROJETOS DE PESQUISA

Os projetos desenvolvidos na FEIS têm como objetivo primordial solucionar problemas regionais nas áreas de tecnologia agrícola, saneamento básico, habitação popular, desenvolvimento industrial e sistemas viários. Um desses projetos, “Acompanhamento e aconselhamento agrometeorológico”, coordenado pelo departamento de Ciências e associado à Engenharia Civil e Elétrica e Agricultura, visa tirar da Universidade o conhecimento disponível em termos de gerenciamento de áreas irrigadas (Ilha Solteira está situada próxima aos rios Paraná e Tietê, e ao canal que interliga os dois rios, construído pela CESP). “Informamos o irrigante, por exemplo, a respeito da quantidade de água que sua cultura exige ou se há ou não previsão de chuvas”, explica o professor Luiz Roberto Trovatti, coordenador do programa.

Ligado ao Instituto de Pesquisas

Meteorológicas de Bauru, que lhe informa diariamente a respeito das condições climáticas da região, o grupo do projeto desenvolve também trabalhos na área de fruticultura. “O solo predominante na região é o empobrecido cerrado, mas podemos reverter essa situação”, afirma Luiz de Souza Corrêa que, com Vinício Martins do Nascimento, coordena os trabalhos. De acordo com eles, se forem empregados os métodos corretos, será possível diversificar e antecipar colheitas, gerando mão-de-obra o ano todo.

A FEIS mantém também um estreito relacionamento com a CESP, através de intercâmbios científicos e com a utilização de equipamentos e laboratórios de ambas as partes. O convênio mais intenso, porém, é voltado para o treinamento de funcionários da empresa, que a FEIS realiza através do oferecimento de cursos, em sua maioria na área de elétrica. “A CESP necessita do potencial humano da UNESP que, por sua vez, tem acesso aos nossos equipamentos e instalações”, resume o chefe do setor de treinamento da empresa, José Carlos Cancian. Entre 1986 e agosto deste ano, a FEIS ministrou 37 cursos na CESP, treinando perto de 400 funcionários.

Adriana Machado

Frutos, hortas e gado. Para ensino e pesquisa

Com exatos 1.663 hectares, a Fazenda de Ensino, Pesquisa e Extensão da FEIS, a 17km da cidade, recebe os alunos logo a partir do 1º ano do curso. “A diferença da aula dada em sala fechada e a do campo pode ser claramente medida pelo aproveitamento dos alunos”, garante o professor Salatiel Buzetti, supervisor da fazenda.

A área rural da FEIS foi dividida em duas partes: produção agrícola e produção animal. Na primeira, encontram-se reservas florestais, plantação de frutíferas e cereais e uma bem-cuidada horta, além de experimentos com sistemas de irrigação e pesquisas envolvendo fertilidade do solo, tratamento fitossanitário, economia agrícola e melhoramento genético. No setor de produção animal, encontram-se 800 cabeças de gado da raça Guzzerá, cuja finalidade principal é a melhoria do rebanho. “Queremos alcançar o que se chama de ‘dupla aptidão’, ou seja, o animal que tenha um bom ganho de peso



Produção animal: 800 cabeças de gado Guzzerá

e boa produtividade de leite”, explica Salatiel. “Para isso, temos grandes projetos de melhoramento genético, envolvendo outras unidades da UNESP, como a FCAV de Jaboticabal, e a FMVZ de Botucatu”, acrescenta o diretor Nelson de Araújo.

Tudo o que se produz na fazenda é vendido à comunidade por um preço abaixo do mercado. Gado, milho, arroz, feijão, soja, trigo e outros produtos são vendidos mediante concorrência publicada

no Diário Oficial. Um saco de feijão, por exemplo, custa lá por volta de NCz\$ 150,00. O leite também é vendido para o laticínio da cidade.

Com um sistema de captação de água do rio Paraná, a fazenda da FEIS possui um reservatório com capacidade de 120 mil litros, ligado a uma adutora de quase 3km de extensão. “A médio prazo, vamos ampliar nossa horta para tentar abastecer a comunidade de Ilha Solteira”, informa Salatiel.

Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira		
FUNCIONÁRIOS	NÚMERO TOTAL	282
GRADUAÇÃO		
CURSOS	Nº DE ALUNOS	
Agronomia	199	
Engenharia Civil	141	
Engenharia Elétrica	164	
Engenharia Mecânica	149	
TOTAL	653	
ESTRUTURAS DEPARTAMENTAIS		
DEPARTAMENTOS		
Agricultura		
Biologia Aplicada à Agropecuária		
Ciências		
Engenharia Civil		
Engenharia Elétrica		
Engenharia Mecânica		
DOCENTES		
REGIME DE TRABALHO	Nº DE DOCENTES	
RDIDP	178	
RTC	02	
RTP	01	
TOTAL	181	
Campus de Ilha Solteira — Avenida Brasil Centro n.º 56		
CEP: 15.378 — Ilha Solteira — SP, FONE: (0187) 62-3113		

Na próxima edição, o perfil da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias do campus de Jaboticabal.

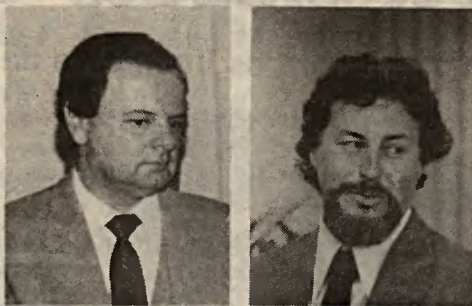
POSSES

Em Bauru, novos diretor e vice

Tomaram posse, em agosto último, em solenidades realizadas na Reitoria, o novo vice-diretor do Instituto de Pesquisas Meteorológicas IPEmet — e o diretor da Faculdade de Ciências (FC) do campus de Bauru, respectivamente, os professores Maurício de Agostinho Antônio e Sérgio Nereu Pagano. Ambos assumiram seus cargos em caráter "pro-tempore".

O professor Maurício foi empossado, no dia 15, pelo reitor Paulo Milton Barbosa Landim que, na ocasião, mencionou a importância de dar posse a um dirigente do IPEmet um ano após a encampação da Universidade de Bauru. "Quando encapamos Bauru, sabíamos os problemas desse campus e a importância do IPEmet. Agora, vamos, com segurança, elevar o Instituto ao nível que merece", enfatizou o reitor. O professor Maurício, por sua vez, afirmou acreditar no desenvolvimento do Instituto, já há um ano sob a responsabilidade da UNESP. "Espero continuar contribuindo para o crescimento do IPEmet, para elevar seu nome, e consequentemente, o da UNESP", disse.

No dia 23, foi a vez do professor Sérgio Nereu Pagano, do Departamento de Botânica do Instituto de Biociências (IB) do campus de Rio Claro, assumir a diretoria da FC. Pagano substituiu o professor Lourival Larini, que retorna à sua antiga unidade, a Faculda-



Sérgio Pagano

Maurício Antônio

de de Ciências Farmacêuticas (FCF) do campus de Araraquara. O novo diretor foi empossado pelo vice-reitor Arthur Roquete de Macedo, que mencionou as dificuldades de se dirigir uma unidade do campus de Bauru. "Sua missão não é fácil. Há a necessidade de se adaptar a FC ao restante da Universidade, e esperamos que isso ocorra o mais rápido possível", desejou o vice-reitor.

O professor Pagano agradeceu sua indicação, dizendo ainda estar tomando conhecimento das principais necessidades da Faculdade. "Mesmo sem estar ciente da situação atual da unidade, já posso adiantar que sou muito preocupado com o ensino e a pesquisa e pretendo dinamizar essas duas áreas e, em decorrência, também a extensão à comunidade", finalizou.

Órgãos colegiados são instalados

Em agosto, ocorreram também as posses dos novos membros do Conselho Universitário (C.O.), Conselho de Administração e Desenvolvimento (CADE), Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária (CEPE) e suas comissões assessoras: Comissão Central de Graduação (CCG), de Pós-Graduação e Pesquisa (CCPG) e de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários (CCEU). A medida veio atender ao exposto

no Estatuto, em vigor desde 21 de fevereiro último, que determina o prazo de 180 dias para a instalação dos colegiados.

Tomaram posse apenas os representantes docentes e técnico-administrativos indicados e o eleitos por seus pares. O Diretório Central dos Estudantes "Helenira Rezende" ainda não determinou seus representantes para os referidos colegiados.

SINDICATO

Campanha salarial ganha força

Os funcionários da UNESP têm, desde setembro último, a possibilidade de se sindicalizar como qualquer outro profissional ligado à iniciativa privada. Durante os dias 7, 8 e 9 foi realizado, na Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV) do campus da Jaboticabal, o Congresso de Fundação do Sindicato dos Trabalhadores da UNESP, com a participação de 150 delegados de 22 unidades universitárias, além da Reitoria. Na ocasião, foi aprovado o estatuto do SINTUNESP e eleita sua primeira diretoria. A sede do sindicato será em São Paulo, em uma sala cedida pela Reitoria.

Sete titulares compõem a primeira diretoria do SINTUNESP: Flávio Haddad (IQ-Araraquara), presidente; Darci Laurindo Barbosa (FCL-Assis), secretário geral; e Marisa Nunes Galvão (FO-Araçatuba), tesoureira. Para a Secretaria de Organização e Relações Sindicais, foi eleita Rosa Aparecida A. Silva (FM-Botucatu); para a Secretaria de Imprensa e Divulgação, Joaquim Garcia Júnior (Administração Geral-Botucatu); para a Secretaria de Finanças e Meios, Luiz Carlos de Araújo (Bauru); e, para a Secretaria de Formação e Cultura, Leda Galvão Pires (FM-Botucatu). Deverá ser eleito ainda um Conselho Diretor, formado por delegados em número de um a três por unidade, conforme a quantidade de associados.

De acordo com Flávio Haddad, a fundação do SINTUNESP tornou-se possível graças à nova Constituição federal, que abriu a possibilidade de formação de sindicatos de funcionários públicos, e à mobilização dos servidores. "As associações de servidores não satisfaziam mais a necessidade de organização. Era necessária uma postura mais efetiva dos funcionários com relação à Reitoria", diz.

Entre as questões abordadas no Congresso, destacou-se o "plano de luta", como explica Haddad. "Decidimos por uma ação conjunta entre a UNESP, USP e Unicamp, visando a campanha salarial". As reivindicações básicas são o reajuste mensal com base no ICV (Índice de custo de vida) do DIEESE, o estabelecimento de datas-base em outubro e maio e a reposição de perdas salariais, em média 134%. "Temos ainda outras reivindicações específicas, voltadas para o plano de carreiras, cesta básica e creches em todos os campus", informa.

O processo de filiação teve início durante o Congresso e continua nas unidades. "Acreditamos que até o final de outubro já tenhamos filiados perto de 2 mil funcionários", afirma Haddad.

Funcionários pedem participação

Cerca de 250 funcionários da Reitoria acabam de enviar carta a seus 18 representantes junto ao CO, CEPE, CADE e CCEU, onde solicitam propostas de trabalho, para conhecimento. De acordo com Maria Celeste Francisco, assessora da Pró-Reitoria de Graduação e coordenadora do movimento, o momento atual, de democratização e de novo Estatuto, não só possibilita como também exige a participação ativa de alunos, docentes e funcionários nos assuntos de interesse geral da Universidade. "Nesse sentido", considera Celeste, "acho até que estamos vivendo um momento meio histórico, pois esta é a primeira vez que a Reitoria se manifesta nestes termos".

AGENDA

ARAÇATUBA

- 28 e 29/10. Ciclo de cinema com debates: "O fim do arco-íris", direção de Srießner. Promoção da Associação dos Servidores do Campus de Araçatuba.
- 18 e 19/11. Cinema: "Inocência", de Walter Lima Júnior. Promoção da Associação dos Servidores do Campus de Araçatuba.

ARARAQUARA

- 16 a 20/10. "IV Semana de hipertensão arterial", na FCF. Promoção do Departamento de Análises Clínicas.
- 16 a 21/10. "XIX Semana de Química", no IQ. Promoção do Diretório Acadêmico do IQ.
- 18 a 20/10. Palestra: "3º Seminário de planejamento e espaço urbano", na FCL. Promoção do Departamento de Antropologia, Política e Filosofia.
- 23 a 25/11. Palestra na FCL: "A Idade Média Literária Portuguesa". Promoção do Departamento de Literatura.
- 24/11. Mesa-redonda, na FCL: "Da crise de 1964 à Constituinte". Promoção do Departamento de Antropologia, Política e Filosofia.

ASSIS

- 06/10. Audição: "Concerto de violoncelo". Promoção do Centro de Estudos Históricos.
- 12/10. Dança: "Grupo Folclórico Hispânico". Promoção do Departamento de Letras Modernas.
- 13/10. Concerto de Cordas. Promoção do Departamento de Educação.
- 16/10. Apresentação: "Grupo Folclórico da Hebraica". Promoção do Centro de Temas Judaicos.
- 17/10. Encenação: "Os Sermões". Promoção do Instituto de Estudos Vernáculos.
- 19/10. Teatro: "Apareceu a Margarida". Promoção do Departamento de Letras Modernas.
- 23 a 26/10. Conferências: "Ciclo sobre saúde mental". Promoção do Departamento de Psicologia.
- 23 a 27/10. Mesa-redonda: "Semana do aluno de Letras". Promoção do Centro de Estudos Literários.
- 26/10. Conferência: "AIDS e o Sistema Nacional de Saúde". Promoção do Centro de Estudos Psicológicos.
- 04/11. Peça teatral: "Equus". Promoção do Diretório Acadêmico.

BAURU

- 16 e 20/10. Palestra, na FC: "Jornada de Recursos Humanos". Promoção do Departamento de Psicologia.
- 05 a 10/11. Conferências, na FAAC: "Semana do Urbanismo". Promoção do Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo.

BOTUCATU

- 02/10. Recital: "Quinteto IA", no IB. Promoção da Comissão Setorial Cultural.
- 02 a 16/10. Show de música sertaneja, MPB e clássica, no IB: "Pratas da Casa". Promoção da Comissão Setorial Cultural.
- 09 a 13/10. Palestra, na FMVZ: "A pecuária de corte no Brasil". Promoção do Diretório Acadêmico de Zootecnia.
- 09 a 13/10. "III Semana Agropecuária de Botucatu", na FCA. Promoção do Diretório Acadêmico Agronomia.
- 16/10. Gincana, na FM: "A união faz a força". Promoção do Centro Acadêmico.
- 06/11. Musical, no IB: Orquestra. Promoção da Comissão Setorial Cultural.
- 17/11. Oficina, na FCA: "Projeto Lua Cheia" (tangos e tragédias). Promoção do Diretório Acadêmico Agronomia.
- 23/11. Festival Arte e Expressão 89, no IB. Promoção do Departamento de Educação Física.
- 11/89. Encontro Brasileiro de Corpo e Expressão, no IB. Promoção do Departamento de Educação Física.

FRANCA

- 02 a 06/10. "III Semana do Direito". Promoção do Departamento de Direito.
- 25/10. Debate. "A Revolução Francesa e a República Brasileira: confrontos". Promoção do Departamento de Serviço Social.
- 26/10. Debate: "Epistemologia das Ciências Humanas". Promoção do Departamento de História Social, Política e Econômica.

JABOTICABAL

- 16 a 18/10. Palestra: "Pecuária de leite". Promoção do Departamento de Zootecnia de Ruminantes e Animais de Cedo Funcional.

MARÍLIA

- 02 a 13/10. Exposição: "Técnicas básicas de redação". Promoção da Associação dos Servidores Técnicos e Administrativos do campus.
- 04 e 05/10. Debates: "Avanços e desafios da nova mulher". Promoção do Diretório Acadêmico "XV de Março".
- 06 e 07/10. Oficina: "Brincando com a poesia". Promoção do Departamento de Didática, Sociologia e Antropologia.
- 14/10. Coral OMO OYA — Semana da Criança. Promoção da ASUNESP e Biblioteca Central.
- 16 e 17/10. "Ciclo de Palestras sobre arte e política". Promoção do Diretório Acadêmico "XV de Março" e Comissão Setorial Cultural.
- 20 e 21/10. Exposição. "Oficina de livros de pano". Promoção do Departamento de Didática.
- 21/10 a 5/11. Aulas práticas: "Oficina de percussão". Promoção do Diretório Acadêmico. "XV de Março" e Comissão Setorial Cultural.
- 26 a 28/10. Mesa-redonda: "II Jornada de Antropologia". Promoção do Departamento de Sociologia e Antropologia.
- 30/10 a 01/11. Oficinas: "I Encontro com o lúdico". Promoção da Coordenação de Curso.
- 17/11. Concerto: "Os violinos em Bach e Mozart". Promoção do Diretório Acadêmico "XV de Março".
- 23/11. Mesa-redonda: "Antropologia brasileira: tradição e contradição". Promoção do Departamento de Sociologia e Antropologia.
- 24/11. Debate: "Meio Ambiente ou fim do ambiente?". Promoção do Diretório Acadêmico "XV de Março" e Comissão Setorial Cultural.

PRESIDENTE PRUDENTE

- 6, 7, 10, 13 e 14/10. Curso: "Atualização na Pedagogia de Freinet". Promoção do Departamento de Educação.
- 27 e 28/10. Curso: "Psicodrama Pedagógico". Promoção do Departamento de Educação.

RIO CLARO

- 02 a 23/10. Palestra, no IB: "Encontro de estudos sobre lazer e recreação". Promoção do Departamento de Educação Física.
- 03 a 05/10. Simpósio, no IB: "Evolução do universo e da vida". Promoção do Centro de Estudos Biológicos.
- 16 a 19/10. Ciclo de palestras, no IB: "Uso racional da Amazônia". Promoção do Centro de Estudos Ecológicos.
- 24 e 26/10. Conferência, no IB: "Poluição maninha". Promoção do Centro de Estudos Biológicos.
- 11/89. Música popular brasileira, no IB: "Duo de violão". Promoção da Comissão Permanente da Extensão de Serviços à Comunidade.
- 11/89. Simpósio, no IB: "Meio Ambiente e sociedade no Brasil". Promoção do Centro de Estudos Biológicos.
- 11/89. Palestra sobre cultura popular e expressão, no IB. Promoção do Departamento de Educação Física.

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

- 16 a 20/10. Jornada Odontológica Acadêmica "Professor Cervante Jardim". Promoção do Diretório Acadêmico "28 de Março".

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

- 02 a 06/10. Mesa-redonda: "IX Semana do tradutor". Promoção do Departamento de Letras Modernas e Centro de Estudos de Tradução.
- 04 a 06/10. Minicurso: "Reunião de matemática". Promoção do Departamento de Matemática.
- 16 a 20/10. Mesa-redonda. "V Semana de Biologia". Promoção do Centro de Estudos de Biologia.
- 22 a 24/11. Conferência: "I Seminário regional de estudos de Linguística". Promoção do Departamento de Letras Vernáculas, Teoria Linguística e Literária e Letras Modernas.

SÃO PAULO

- 08 a 28/10. Palestra: "A arte-educação hoje". Promoção do Departamento de Educação.
- 06 a 17/11. Exposição: "Néo-clássico, estilo ou adaptação: movimentos do período republicano em São Paulo". Promoção do Departamento de Expressão e Comunicação.

A política salarial das universidades públicas paulistas

ARTHUR ROQUETE DE MACEDO

A política salarial do governo para as Universidades Públicas Paulistas suscitou na última década uma série de atritos altamente prejudiciais não apenas para a comunidade universitária mas para a sociedade como um todo. De fato, o achatamento salarial imposto por uma política inadequada e pouco sensível levou à eclosão de movimentos reivindicatórios que culminaram com várias paralisações ao longo desses anos. O marco desta sucessão de desencontros foi a greve do funcionalismo ocorrida em 1979; e o tratamento insatisfatório dado pelo governo às reivindicações de funcionários e docentes constituiu-se em "caldo de cultura" propício para a geração de uma insatisfação crescente da comunidade universitária em relação à política salarial do governo para as três Universidades Públicas de São Paulo.

Recentemente, este sentimento exacerbou-se, de forma inequívoca, com a mobilização ocorrida no 2º semestre de 1988 em que a comunidade universitária, paralisando as suas atividades, propiciou o nascimento do "S.O.S. Universidade". Este movimento exigia tratamento adequado para os diferentes problemas, inclusive salarial, que afligiam a comunidade científica paulista.

No bojo deste movimento surgiu a autonomia de gestão financeira, concretizada por meio do decreto assinado pelo Excelentíssimo Senhor Governador do Estado, em fevereiro de 1989. Autonomia esta, que estipulava o percentual de 8,4% da arrecadação do ICMS para o orçamento das três Universidades Paulistas.

Com a autonomia de gestão financeira os reitores das três Universidades Públicas Paulistas passaram a enfrentar o desafio de compatibilizar uma situação orçamentária difícil com a necessidade de oferecer, aos docentes e ao corpo técnico administrativo das suas Instituições, salários compatíveis com a importância do trabalho ali realizado.

Foram traçadas pelo CRUESP algumas premissas para alcançar o objetivo



Marco Marques

proposto: a) reposição salarial, dentro das possibilidades orçamentárias da Universidade; b) reajustes mensais procurando manter o poder aquisitivo dos docentes e funcionários; c) percentuais de reajustes não inferiores aos concedidos pelos Governo do Estado ao funcionalismo público estadual.

Dentro destas proposições dois índices deveriam ser levados em consideração: o crescimento mensal do ICMS e a evolução do custo de vida avaliado pelo IPC. Era fundamental, para o sucesso da estratégia adotada, procurar dar reajustes iguais ou acima do IPC sem comprometer em mais de 75% o montante recebido da arrecadação do ICMS. Tarefa difícil, e nem sempre sob controle exclusivo do CRUESP, o qual evidentemente não tem condições de alterar, per si, o percentual arrecadado. Esta realidade levou à necessidade de comprometer, em alguns meses, o orçamento da UNESP em mais de 90% com a folha de pagamento de pessoal. Situação esta não desejável, mas indispensável para garantir uma política salarial compatível com a importância do papel desempenhado pelos recursos humanos numa instituição como a Universidade.

Passados sete meses, torna-se necessário informar à comunidade Unespiana, com absoluta clareza, os resultados iniciais da política salarial adotada. Para tal estudo vamos adotar janeiro/89 como data-base e considerar os reajustes dados pelo CRUESP a partir de fevereiro, data da autonomia de gestão financeira.

Na tabela são apresentados os índices

dos salários reais de docentes e funcionários das Universidades Estaduais Paulistas. O salário real foi calculado dividindo-se o índice de salário nominal de cada mês pelos índices de preços do mesmo período, e ao mês de janeiro utilizado como base, atribuiu-se o "índice" 100. A análise dos dados apresentados permite concluir que: a) com relação ao IPC nacional do IBGE houve, no período analisado, ganho salarial de 16%; b) com relação aos índices do IVC do DIEESE (São Paulo) ocorreu uma perda de 15%; c) comparados com os índices do IPC da FIPE/USP para São Paulo, os reajustes salariais acompanharam a elevação do custo de vida, não ocorrendo ganhos ou perdas significativas.

Outra constatação interessante é que, excluindo-se os professores do 1º e 2º graus e a Polícia Militar, o reajuste salarial acumulado, concedido pelo CRUESP, é superior ao dado pelo Governo do Estado ao funcionalismo no 1º semestre de 1989. Comparando a evolução salarial dos funcionários de nível superior do Estado de São Paulo (reajuste acumulado no 1º semestre de 1989 igual a 497%) com a dos docentes e funcionários das Universidades Estaduais Paulistas (reajustes acumulados de 593% e 536% respectivamente) verificamos que a Universidade concedeu reajustes mais elevados.

Quanto aos docentes, vale a pena ressaltar que a política do CRUESP determinou uma recuperação acentuada dos nossos salários em comparação com o das Universidades Federais. Hoje, contrariamente ao constatado em 1988, as universidades públicas de São Paulo oferecem salários melhores que as Federais.

Com relação ao corpo técnico administrativo, o estudo comparativo entre os salários médios de funções que existem tanto no Estado como na Universidade demonstra, de forma inquestionável, que a universidade está pagando melhor aos seus funcionários; esta diferença varia entre 35% e 170% a favor dos servidores da UNESP. Outro dado relevante é que em 95% dos níveis de carreira, os salários da Universidade são significativamente maiores que os da iniciativa privada.

Por outro lado, não obstante o fato de os funcionários terem recebido índices de reajuste em janeiro do corrente ano menores do que o dos docentes, o

ganho salarial real do corpo técnico administrativo entre 1987 e 1989 é superior ao dos docentes em razão da reestruturação da carreira do corpo técnico administrativo ocorrida em 1988.

O CRUESP manterá a política salarial vigente, até o final de 1989, fixando os reajustes mensais com base na evolução do IPC ou da arrecadação do ICMS, utilizando para cálculo aquele índice que registrar menor crescimento cumulativo mensal. Em dezembro será reavaliada a política salarial em reunião com as associações de docentes e funcionários das três universidades.

Pode-se constatar pelo exposto que, não obstante inúmeras circunstâncias adversas como a instabilidade de situação econômico-financeira do País, os elevados índices de inflação e a escassez de recursos para custeio e investimento, a Universidade conseguiu, por meio da política adotada, recuperar parcialmente os salários e manter o poder aquisitivo dos seus docentes e funcionários.

Discute-se se o índice do DIEESE, isto é, o IVC para São Paulo (segundo o qual teria ocorrido uma perda salarial de 15%) não seria parâmetro mais adequado para balizar os reajustes salariais do que o IPC nacional? É possível. Entretanto, não há condições no momento para repôr a possível perda salarial decorrente da utilização do referido índice. Na verdade, o CRUESP adotou a diretriz possível para conceder reajustes compatíveis com uma política salarial digna, sem comprometer o desempenho das nossas Universidades públicas. Esperamos que o crescimento do ICMS nos próximos meses permita dar reajustes, até o final do ano, não inferiores à elevação do custo de vida; ocorrendo esta perspectiva a política do CRUESP certamente cumprirá os seus objetivos.

No que tange à UNESP, podemos afirmar com a mais absoluta tranquilidade que os reajustes concedidos o foram no limite das possibilidades orçamentárias da nossa Instituição. Aliás, esta política associada à compreensão dos nossos funcionários e docentes pelo momento vivido, foi em parte responsável pela tranquilidade que viveu o ensino público superior de São Paulo no corrente ano.

Arthur Roquete de Macedo é vice-reitor e pró-reitor de Administração e Desenvolvimento da UNESP

ÍNDICES DOS SALÁRIOS REAIS DE DOCENTES E FUNCIONÁRIOS DAS UNIVERSIDADES ESTADUAIS DE SÃO PAULO: JANEIRO — AGOSTO 1989

PERÍODO	SEGUNDO IPC NACIONAL IBGE	SEGUNDO IVC S. PAULO DIEESE	SEGUNDO IPC S. PAULO FIPE/USP
Janeiro	100	100	100
Fevereiro	111	97	101
Março	115	97	104
Abril	116	95	102
Maio	121	94	101
Junho	116	89	96
Julho	117	91	97
Agosto	116	85	96

BASE: Janeiro de 1989 = 100.

UNESP mostra arte eletrográfica

Vinte e quatro artistas de sete países participam da sala especial organizada pela Universidade

Aberta no dia 14 de outubro, a Bienal Internacional de São Paulo traz, nesta vigésima versão, entre expoentes da arte do Brasil e do exterior e diversos eventos especiais, o 1º Studio Internacional de Eletrografia, organizado pela UNESP. Esta será a primeira vez em que a Universidade participa de uma mostra do porte da Bienal. Em sua sala, o público poderá conhecer trabalhos da arte eletrográfica — feita a partir de processos de reprodução ou fotocópia —, técnica já exposta anteriormente em mostras como a "Eletroworks", realizada na cidade de Rochester, nos Estados Unidos, ou mesmo na Bienal de Eletrografia de Valência, na Espanha.

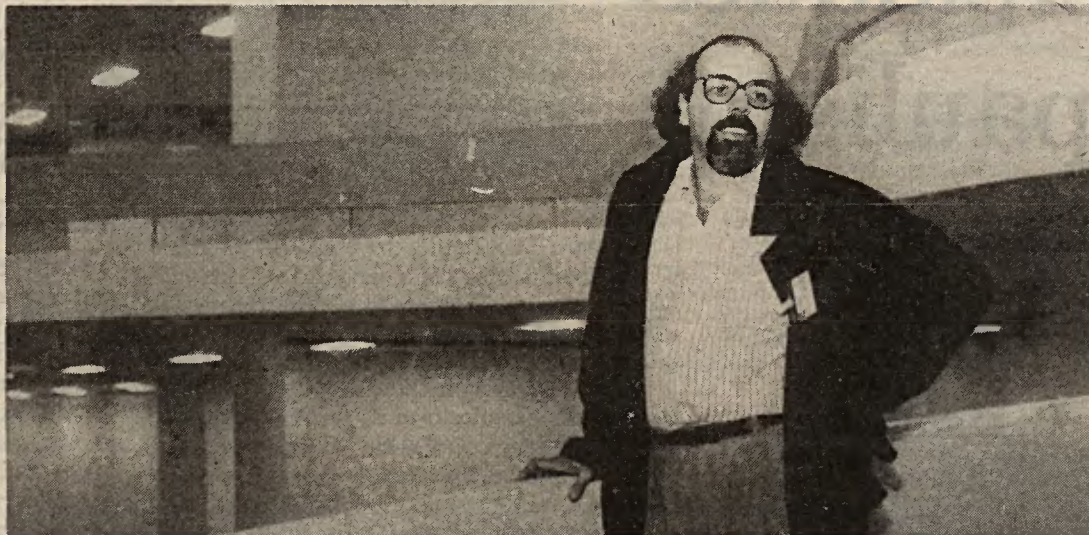
E foi justamente na Bienal de Valência, de 1988, que Luiz Guimarães Monforte, professor da Faculdade de Artes e Comunicação (FAAC) do campus de Bauru e coordenador do 1º Studio, se inspirou. Nessa oportunidade, Monforte, o único brasileiro a ir a Valência, teve contato com artistas de mais de trinta países. Dessa troca de experiências, surgiu a idéia de se realizar um evento semelhante no Brasil.

Apresentado ao curador de eventos especiais da Bienal, João Cândido Galvão, o seu projeto foi logo aceito. O próximo passo foi a procura de patrocinadores. "Foi um trabalho muito intenso de busca de recursos junto à iniciativa privada e também de contato com universidades de diversos países, para que custeassem a vinda de seus pesquisadores de maior representatividade", explica Monforte.

O evento pôde, então, ser viabilizado com o patrocínio de empresas como a Itautec — Informática S/A., Minolta — Copiadora do Amazonas Ltda., Nashua do Brasil Sistemas Reprográficos, Sharp do Brasil S/A. Indústria de Equipamentos Eletrônicos e Triunfo Máquinas e Sistemas Reprográficos S/A. O resultado será a reunião de uma equipe de dezesseis artistas estrangeiros, dos Estados Unidos, Espanha, Alemanha, Finlândia, França e Holanda, ligados a instituições como a Universidade de Paris VIII — St. Denis, Universidade de Bremen, Instituto de Tecnologia de Rochester e Universidade de Cuenca, entre outras. Participarão também sete artistas brasileiros. "Esse Studio despertará nas pessoas a idéia de que educação, arte e iniciativa privada não só podem como devem caminhar de mãos dadas", diz Monforte. Para ele, a UNESP como um todo sairá beneficiada. "Ao lado da Bienal de Veneza e da Documenta 8 de Kassel, a Bienal de São Paulo é, hoje, respeitada como um dos três mais importantes eventos da arte em âmbito internacional".

O QUE É ELETROGRAFIA

A eletrografia, ou fotocópia, é o processo de reprodução de imagens mais revolucionário



Monforte, o coordenador do 1º Studio Internacional de Eletrografia

desde o aparecimento da fotografia. Inventado pelo norte-americano Chester Carlson, há 50 anos, este meio era, a princípio, destinado somente à cópia de documentos. Mas, durante as três últimas décadas, o processo, que era artesanal, sofreu sofisticadas que o tornaram mais compacto, ágil e de fácil comercialização. "Temos, hoje, máquinas programadas a laser, com capacidade para ampliar uma folha de papel ofício na proporção de 1.000%, a quatro cores, sem perder nenhum detalhe", informa Monforte.

A sala de eletrografia está instalada no segundo andar do prédio da Bienal, no setor de eventos e salas especiais, e ocupará um espaço de 300 metros quadrados, no qual serão expostos cerca de 150 trabalhos. As obras terão abordagens variadas, empregando técnicas diversas, como a eletrografia a laser, eletrografia como matriz para gravuras ou transferidas para superfícies como vidro, plástico ou mármore.

O Studio apresentará também *workshops*, onde os artistas presentes produzirão trabalhos de arte eletrográfica. "De 14 a 30 de outubro, teremos, à disposição do público, vinte máquinas e papel para 125 mil cópias", garante Monforte. A sala contará ainda com quatro linhas telefônicas acopladas a máquinas Fax, para que cheguem imagens pro-

duzidas por artistas brasileiros e estrangeiros à Bienal, e também para que os presentes transmitam seus trabalhos para diversas partes do mundo. Para celebrar o 50º aniversário da invenção da eletrografia, foi programado um ateliê para cerca de 2 mil crianças, que vão trabalhar junto com os artistas, entre 24 e 27 de outubro.

Os artistas estrangeiros presentes serão Charles Arnold, Dina Dar, J. Fernando Niguez Canales, Franz John, Hetta Norros, James Durand, Jesus Pastor Bravo, José Ramon Alcala, Judy Natal, Jurgen O. Olbrich, Lieve Prins, Paco Rangel, Patti Ambrogio, Pierre Granoux, Roland Henss Dewald, Romã Aranz e Wolfgang Hainke. O destaque fica para Charles Arnold, dos Estados Unidos: considerado o pioneiro na utilização da eletrografia como meio de expressão artística, Arnold será o convidado de honra do evento.

O Brasil estará representado por Arthur Matuck, Bernardo Krasnianski, Luiz Guimarães Monforte, Mário Noboru Ishikawa, Paulo Bruscky, Roberto Kepler e Vera Chaves Barcellos. O coordenador Luiz Monforte exporá sua obra "Presente do indicativo: passado", que mede 1,1 metro por 20 metros. "É uma obra pequena, se comparada à 'A obra interminável', do alemão Jurgen Olbrich, que me-

de 1,5 quilômetro", recorda Monforte.

TAMANHO NÃO É DOCUMENTO

Mas o destaque não acontece somente pela dimensão. Há obras refinadas e de caráter artesanal, como as do brasileiro Bernardo Krasniansky. Bernardo participará da sala com duas séries de litografias obtidas pela transferência de eletrografias para pedra e depois copiadas. Segundo ele, a importância do evento será presenciar aqui no Brasil o que acontece lá fora, nessa área. "Já houve exposições importantes no Brasil, mas com material em preto e branco. Agora, vamos poder ver obras feitas com a utilização de máquinas que copiam em cores", diz. "Os recursos técnicos aumentam dia-a-dia e os artistas podem cada vez mais se valer disso", enfatiza Bernardo.

Outros participantes, como Mário Ishikawa, abrem mão do esmero técnico e preferem privilegiar o conteúdo. Mário apresentará uma retrospectiva de suas obras, mais precisamente trabalhos realizados durante a década de 70, em plena ditadura militar. "Nessa época não podíamos utilizar meios de reprodução mais sofisticados, que exigiam um maior número de pessoas envolvidas porque, fatalmente, os trabalhos seriam censurados", lembra.

Nos dias de hoje, se não há mais censura, é o mercado que acaba por restringir a criatividade. "Alguns artistas falam até que a eletrografia vai acabar no Brasil", lamenta Bernardo Krasniansky. "Aqui, dificilmente um artista recebe uma bolsa para desenvolver novas técnicas de utilização das máquinas", explica. "As galerias também não querem comercializar trabalhos de pesquisa e essas coisas vão fechando cada vez mais o espaço da eletrografia no país", argumenta. "Por isso", completa, "o Studio será uma oportunidade de intercâmbio importante, à medida em que apresentará para os artistas daqui novas técnicas desenvolvidas no exterior."

Denise Pellegrini Montes



A segunda maior exposição do mundo

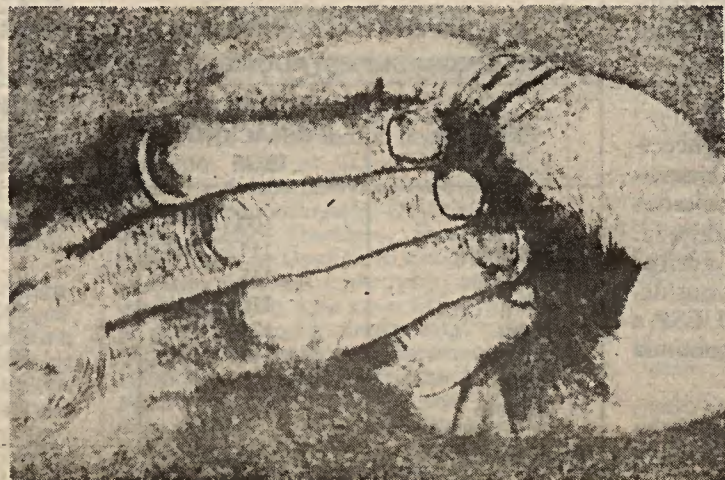
Quando os portões do pavilhão da Bienal foram abertos, no dia 14 de outubro, o público começou a conhecer e apreciar obras de 156 artistas vindos de 42 países especialmente para participar da 20ª Bienal Internacional de São Paulo. Esta é a segunda maior mostra de arte do mundo, superada apenas pela Bienal de Veneza — aliás, o evento que Francisco Matarazzo Sobrinho usou como modelo para criar a 1ª Bienal de Artes Plásticas de São Paulo, em 1951.

Neste primeiro ano, a exposição reuniu 1.800 obras de 21 países, tendo sido prestigiada por artistas como Picasso, Di Cavalcanti, Portinari, Brecheret e Bruno Giorgi, entre outros. Para abrigar a mostra, foi construído um pavilhão especial no local onde hoje se encontra o Museu de Arte de São Paulo, MASP, na avenida Paulista. As duas mostras seguintes foram realizadas no Pavilhão Manoel de Nóbrega, onde atualmente funciona o gabinete do prefeito, no parque do Ibirapuera. Só a partir da 4ª Bienal é que foi ocupado o prédio atual, também no Ibirapuera.

A 20ª edição da Bienal Internacional de São Paulo traz algumas inovações, como sua forma de organização, em três curadorias: a Internacional, sob a responsabilidade de Carlos Von Schmidt, a Nacional, que tem à frente Stella Teixeira de Barros, e a de Eventos Especiais, a cargo de João Cândido Galvão. Além disso, para este ano, retorna uma praxe abolida desde a 15ª Bienal: a premiação, tanto no âmbito nacional como no internacional. O prêmio internacional será uma réplica em bronze da escultura de Brecheret "O índio e a Suassuapara". A representação brasileira receberá um prêmio aquisição no valor de 40 mil dólares. Outro fator de destaque, neste ano, é a mostra não estar recebendo subvenções estaduais nem municipais: 60% dos 4 milhões de dólares consumidos na sua montagem serão cobertos pela iniciativa privada e o restante, pelo aluguel do espaço da Bienal e pelos países que custearão a vinda de seus representantes.

Os destaques internacionais ficam por conta de David Hockney, Yves Klein, Joseph Beuys e Richard Hamilton. Entre os nacionais, Amílcar de Castro e Jac Leirner.

A 20ª Bienal estará aberta ao público de 14 de outubro a 10 de dezembro, das 14 às 22 horas, exceto às segundas-feiras.



Eletrografia a laser do espanhol Jesus Pastor Bravo